

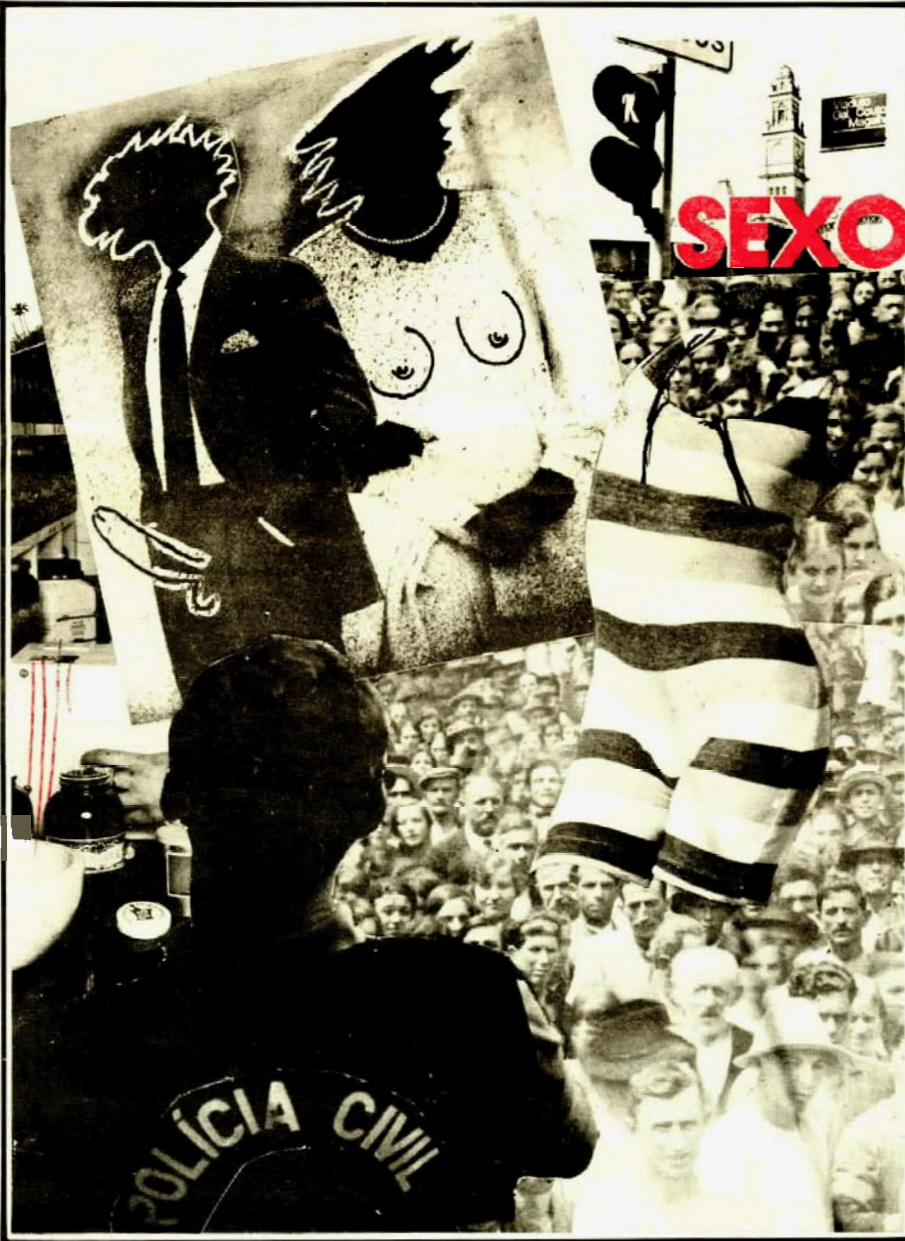


W L H E R I O

ANO VIII — Nº 37 — FEV. 1988 — SÃO PAULO — BRASIL — Cz\$ 70,00

ASSINATURA FEV/88 — Cz\$ 420,00

Roberto Emilio Nejme



**Aids pede nova camisa
(de força):
a responsabilidade
cívica**

pg. 3

**Prazer e Política:
o Brasil também
tem sua Cicciolina**

pg. 7

**O slogan "mais pão e
mais tesão" tem história**

pg. 6

Comandos matam "suspeitos" hoje para evitar um gay amanhã

pg. 4 e 5

De
Dentro

Grupo Feminista

Obtive o endereço do jornal *Mulherio* no programa *Mulher 87* da Rede Manchete. A sexóloga Marta Suplicy començou há muito tempo atrás sobre uma matéria que saiu neste jornal e aproveitou para dar o endereço. Será que vocês podem me informar se existe algum grupo feminista pela redondeza do Jabara? Tenho 22 anos e gosto de estar informada sobre a luta da mulher no Brasil e no mundo.

Sula
Americópolis, SP

Mulherio informa:

O grupo mais próximo é a Associação das Mulheres de Vila Mariana. Rua Bayé, 40. CEP 04012 - São Paulo, SP.

Torcida entusiasmada

Gostei imensamente do cartão com os votos para 1988. Como vocês sabem raduzir e sintetizar o que penso e sinto é mais importante. Muito sucesso e sorte para o *Mulherio* e para todas vocês em 88. O jornal é importante demais para nós todas, por ser fonte de informações alternativas e importantíssimas, impossíveis de obter por outras vias para a maioria das mulheres. Comem com a minha torcida entusiasmada.

Any
Rio de Janeiro, RJ

Artigo no jornal

Gostaria de obter informações sobre como publicar um artigo no *Mulherio*. Aproveito ainda para parabenizar o jornal pela excelente reportagem sobre o tema "Prostituição" do nº 34.

Cristina Câmara
Santa Teresa, RJ

Mulherio responde:

O jornal aceita todo tipo de colaboração, mas se reserva o direito de publicar ou não.

Muito pique

Fico particularmente feliz pela garra de vocês de continuarem tocando o *Mulherio* a todo vapor e pela excelente qualidade do jornal, tanto editorial, como gráfica. É bom sacar essa torça da equipe que certamente atravessará 88 com o mesmo pique.

Terezinha
Movimento 8 de Março



para
Fora

Livro e apoio

Esta é para agradecer o apoio recebido no lançamento do meu livro *A Revolução que ficou no caminho*. Ressalto, apenas, que a opinião de vocês também me interessa. Como jornalistas não temos a pretensão de originalidade, mas a de realizar dignamente uma divulgação de idéias e reflexões (próprias e alheias) no sentido da desmistificação de conceitos, que embaralham o caminho e impedem o avanço. Para isso, contem sempre comigo.

Maria Carneiro da Cunha
São Paulo, SP

Um Agradecimento

Agradeço de coração a força e o incentivo que estão nos dedicando. Por escrito fica até difícil de expressarmos toda a emoção que nos vai a alma.

Dulci
Remembé, SP

GIL MOVAMENTE

Parabéns à turma pelo último *Mulherio*. Está valente, apesar da "proximidade estratostérica" do Gil, mas a nós saiu-se bem.

Wagner Costa

São Paulo, SP

MATÉRIA OPORTUNA

Aproveito para parabenizar o *Mulherio* pela belíssima, oportuna e necessária entrevista com Gilberto Gil no último número. Que coisa mais séria, mais soita, mais cheia de vida. Fiquei emocionada. Não tanto pelo que foi dito, mas sobretudo pelo não-dito, pelas frases entrecortadas, as lágrimas súbitas, as reticências fora de hora, os risos inesperados, quando o conveniente talvez fosse, para um bom político, uma frase de efeito. Linda, emocionante, autológica. Parabéns.

Lúcia Castelo Branco

Belo Horizonte, MG



Recebemos e agradecemos os votos de feliz 88

Associações, Entidades, Grupos

Abri! Imagens/SP
Apliconi/SP
Arte Pau Brasil/SP
Associação Riopretense de Educação e Saúde/São José do Rio Preto-SP
Associação Alumini/SP
Biblioteca Municipal João Palma da Silva/RS
Brasiliense/SP
Democratic League of Finnish Women/Finlândia
Em cartaz
Fempress/Chile
Fundação Carlos Chagas/SP
Fundaçao Ford/RJ
Grupo DCI/SP
Imago Editora/SP
Instituto Administrativo Bom Pastor/Andradina-SP
Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiroz Filho/SP
Inter Press Service/SP
Isis Internacional
Lambda (Movimento para Livre Orientação Sexual)/SP
Legião da Boa Vontade/Brasília
MS-Máquinas e Suprimentos/SP
Museu de Arte Contemporânea/SP
O Estado de São Paulo/Jornal da Tarde/SP
Organização Autônoma das Mulheres/SP
Revista Presença da Mulher/SP
Rocco/SP
Sindicato dos Enfermeiros do Estado do Rio Grande do Sul/RS
TV Bexiga/SP
Tavolario - Sociedade Corretora de Câmbio e Valores/SP

Assinantes/Colaboradores/Personalidades

Carmelita Brito de Freitas
Elisabete Valim
Eva Blay
Fernando Attemeyer
Hélio Tosta
Irede Cardoso
José Paulo Bisol
Lilian de Melo Silveira
Lúcia Leemme
Maria Angela e Laís
María Penha de Miranda
Raquel Scarlatelli
Ruth Escobar

PONTOS DE VENDA

BAHIA

Livraria Freitas Kanitz
R. Alonso Celso, 46, Barra, Salvador

DISTRITO FEDERAL

Delzeni Ribeiro: SDS Edifício Miguel Bardi, sala 402, fone (061) 226.0482, Brasília.

Livraria

Sodiler: Conj. Nacional
Presença: SDS B 1 E lojas 11/15
UNB Nossa Livraria: Campus Universitário

Banca

Rodoviária: Plataforma da Rodoviária GOIÁS
Cevam: Av. T1, 2.078 setor Bueno, Goiânia

PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Nova Iguaçu, 624, fone (041) 23-3362

PARAIBA

Livraria Legal Ltda
Rua General Osório, 114 - Centro, fone 221-8113, Cidade Universitária, CCHLA, Bloco 5, João Pessoa

RIO DE JANEIRO

Dazibao Livraria: Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ouvidor, 11, Rio de Janeiro.

Livraria Timbre

Shopping Center da Gávea: R. Marquês de São Vicente, 52, loja 221/2º piso, Rio de Janeiro.

MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman Bianco (Unicamp, SP/Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fátima Jordão (pesquisadora, SP); Fúlvio Hosenberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Buarque de Holanda (UFPA/Stanford University, USA); Lúcia Castelo Branco (ensaiasta, MG); Maria Lúcia de Barros Moll (historiadora, SP); Maria Augusta Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Marlysa Meyer (Unicamp, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

Editora-responsável: Inês Castilho (MTb 17.504). **Editora Executiva:** Santamaria Silveira (MTb 13.517). **Repórteres/Redatoras:** Lau-

RIO GRANDE DO SUL

Distribuidor: Marco Amaral, Praça Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre.

Livrarias

Graphis, Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340.

CAEE/ufirsg: Av. Paulo Gama, s/nº.
Autores Nossos: Av. Érico Veríssimo, Centro Municipal de Cultura.

Adeli Sell: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27.

Arcano 17: Av. Protázio Alves, 1.138.
Mercado Aberto: Rua Riachuelo, 1.291.
Mercado Aberto: Rua da Conceição, 205.

Palmarinca: Rua Gal. Vitorino, 140, 1º andar.

Prosa e Verso: Rua Mostardeiro, 120, loja 4.

Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21.

SANTA CATARINA

Ana Lucia Gomes Medeiros: Cidade Universitária, caixa postal 5060, Florianópolis.

SÃO PAULO

Trans-entrega Maciel: R. Frei Santana Galvão, 26, Ponte Pequena.
Carla Berro (assinatura): R. Martins Fontes, 268, apto 302.

Bancas

Na capital *MULHERIO* é encontrado nas principais bancas de jornais

Livrarias

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

Brasiliense: R. Oscar Freire, 561, São Paulo.

Livraria Brasiliense: R. Augusta, 2.345, São Paulo.

São da Prosa: Rua Simão Álvares, 45, São Paulo.

Capitu: Rua Pinheiros, 339, São Paulo.
Da Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

Litteris: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264, São Paulo.

Litteris: Bar Avenida, Av. Pedroso de Moraes, 1.033, São Paulo.

rimar Coelho e Paula Magesté, **Secretária de Redação:** Tânia Cristina Vieira de Paulo. **Diagramação:** Rubens M. Ferrari. **Administração e Finanças:** Mônica Boudary. **Assistente:** Maria Tereza de Lima. **Distribuição e Divulgação:** Maria Rosa Crespo. **Assinaturas e Expedição:** Helena Maria Moreira.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.

Mulherio é publicado pelo **Núcleo de Comunicações Mulherio**, associação civil sem fins lucrativos, com apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052.

Fotocomposição: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Marinhoque, 96, V. Clementino, Tel.: 572-0033, São Paulo.

Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.

2
mulherio
fev.88

A nova condenação do prazer

A contrarrevolução sexual e dos costumes iniciada na década de 60 sofreu um duro golpe com a Aids, que veio consolidar os discursos conservadores dos anos 80 e condenar o prazer a uma nova angústia: a 'responsabilidade' cívica.

Emir Sader

O primeiro verão da Aids no hemisfério norte já havia adiantado a imagem: o Central Park parecia um jardim de infância, os filhos de Woodstock reconhecendo a monogamia e a abstinência, assistindo TV a cabo todas as noites sozinhos em seus apartamentos. O personagem modelo dos anos 90 foi chamado pela imprensa norte-americana de *coach potato* — aquele que, instalado em um confortabilíssimo sofá, pede comida pelo telefone, enquanto exerce sua onipotência com o controle remoto nas mãos, voltado para a televisão a cabo, o vídeo, o atari, como objetos de prazer. Um deles, *vuppie* mór, declara a uma revista, em seu apartamento de Manhattan: "Eu adoro Nova York porque está cheia de canais..."

Mas o que aconteceu no transcurso de duas gerações, dos 60 aos 80, para que uma espécie de contrarrevolução sexual e dos costumes se restaurasse no mesmo terreno — Califórnia, Nova York, capitais da Europa Ocidental e da América latina — dos avanços de meio século antes?

A Aids vem apenas consolidar um movimento já escrito em um terreno abonado por pregações conservadoras que dominaram a década de 80 — o reaganismo, o thatcherismo, o Papa João Paulo II. Os fenômenos políticos conservadores — que se estenderam amplamente pela Europa ocidental, com o recuo ou a direitização da social-democracia — têm suas raízes já na década passada, quando o capitalismo internacional entrou em um ciclo longo de caráter recessivo, depois da continuada expansão do pós-guerra. Essa recessão significa, entre outras coisas, a elevação dos níveis de desemprego, depois de um incremento linear dela no quarto de século anterior.

Enquanto a expansão foi o signo dominante na economia, a incorporação de novos contingentes ao mercado de trabalho não introduzia conflitos novos, era absorvível, gerando ao mesmo tempo demandas que a produção estava em condições de atender. Foi nesse marco que a chegada maciça da mulher ao mercado de trabalho foi saudada como mais uma manifestação da democracia e da modernidade, da qualidade que tardava, mas chegava aos poucos. Os eóricos dos avanços sem ruptura sorriam de um lado a outro da boca.

Os anos dourados

Depois de um infundável tempo de maldição do prazer, gerações atormentadas pelos "perigos" da gravidez, do estigma da perda da virgindade e das doenças venéreas viam abrir-se um tempo novo com as anticoncepcionais, o aborto, a penicilina e as conquistas morais diante da crise da família tradicional.⁽¹⁾ O amor finalmente realizava seu ideal de renêção e reencontro entre o prazer e o sentimento. Era a vitória da paixão.

Um idílio que acabou durante pouco. Os filhos daquelas gerações voltam a se enfrentar com o

fantasma do prazer associado à angústia, surge um novo tipo de pecado sexual: a responsabilidade cívica. A Aids — a real e a manipulada pela propaganda — consolida uma virada de mudança nos costumes e de retrocesso moral.

No Brasil, a década está marcada pela violência urbana, pela extensão do consumo de drogas, do uso dos avanços da tecnologia eletrônica, pelo domínio da política institucional e pelo pânico da Aids. Na sua combinação, se intensificou um estilo de vida privatizado, centrado na televisão, nas antenas parabólicas, no controle remoto, no videocassete, na informática e na generalização dos serviços a domicílio, via computação ou telefone. O narcisismo dos anos 70 é acentuado pela hipocondria, agora às expensas do sexo. Deixar o cigarro, a bebida, o sexo, para ficar com "a saúde". Verdes alemães chegam a caracterizar a Aids como uma "vingança da natureza".

(1) Pesquisa realizada na França demonstra que, somente entre os anos 1971 e 1986, a idade média das primeiras relações dos jovens baixou em três anos e meio: de 20 e 1/2 para 17 anos.

A maldição do prazer

Ontem a sífilis, hoje a Aids: os mesmos fantasmas rondam. "Deus a enviou como penitência e castigo" — dizia um médico espanhol, em 1498. Para o cirurgião francês Ambroise Paré, em 1575, "a ira de Deus, que permitiu que esta doença caísse sobre o gênero humano para refrear sua luxúria e seu desdobramento concupiscente." Linguagens conhecidas.

A atitude das instituições também se repete, quando vão se completar cinco séculos da descoberta da América. Os hospitais se recusam a receber as vítimas da sífilis. Os Parlamentares de Paris dá 24 horas para que os doentes estrangeiros deixem a cidade, sob pena de enforcamento. Como sempre, é possibilidade de renascimento do chovinismo. O sociólogo Bettin, irmão do Henfil, hoje necessária de visto especial para atender a um convite de viagem aos Estados Unidos. Ele, um candidato justo ao Prêmio Nobel da Paz, pela sua dignidade na luta pela vida.

Também sobra sempre para as mulheres de comportamento "desviante". No século XIX, as prostitutas são encerradas em casas e lhes são impostas visitas médicas regulares. Com a Aids, a Checoslováquia, a URSS, a Bélgica decidem processar quem contamine seu parceiro. Mas o mesmo fazem as "liberais" Suécia e Dinamarca. Na França, existe um projeto para retirar-lhes o benefício da previdência social.

A origem da sífilis era tão obscura quanto a da Aids: teria surgido na América, talvez com Cristóvão Colombo. A Aids pode ter vindo dos Estados Unidos,



embora se diagnostique sua origem como sendo africana.

Ligada às relações sexuais, a sífilis e a Aids se prestam a instrumentalizações morais. A Idade Média havia conhecido epidemias piores que a sífilis, como a peste negra do século XIV que, em dez anos, matou entre um quarto e a metade da população da Europa. Mas ela não apresentava conotação moral, atacando "democraticamente" a todos.

Enquanto que a sífilis se instalava no coração mesmo da vida, mexendo com os prazeres do amor, com a liberdade sexual, com o medo, a vergonha e a morte. A Aids já matou mil pessoas no Brasil entre 1986/87. O mesmo número de menores recém nascidos vivos que morrem em uma hora no País. A diferença vem do meio social que afeta um e outro causal de morte e o lado da moral atingido por uma doença com conotação sexual e mortes que remetem diretamente à natureza do sistema social existente.

Já em 1826 o papa havia condenado a camisinha, junto com os médicos da época, porque impediam a reprodução. A camisinha só se impôs pela intervenção do Exército, que tem necessidade de soldados contentes e bem dispostos para o combate e para enfrentar a morte.

Rainha Vitória - Gorbachev

Quando a sífilis foi controlada, as condições pareciam dadas para uma longa bonança da paixão amorosa. De repente, a Rainha Vitória retorna em grande estilo e não poupa a quase ninguém.

A inegável liberalização proposta por Gorbachev não está isenta dos retrocessos. Em seu livro *Perestroika*, ele se preocupa pela falta de atenção das "mães e donas-de-casa" em relação às crianças. Com o trabalho profissional, "as mulheres não encontram mais tempo para executar suas tarefas cotidianas no lar — o serviço de casa, a criação dos filhos e a formação de uma boa atmosfera doméstica." (*Perestroika*, Ed. Best-Seller, São Paulo, 1987, pág. 133).

Acrescenta ele haver descoberto que "muitos dos problemas comportamentais das crianças e dos jovens, em nossa moral, cultura e produção, são parcialmente derivados do enfraquecimento dos laços familiares e da negligência nas responsabilidades para com a família. Eis o resultado paradoxal de nosso desejo sincero e politicamente justificado de tornarmos as mulheres iguais aos homens em tudo".

A implantação da *perestroika* busca superar esses problemas, encontrando caminhos "sobre o que deve ser feito para que as mulheres possam retomar suas missões puramente femininas." (sic)

O que confirma que a imposição das tendências espontâneas na recomposição da economia

apontam para o retrocesso na situação da mulher. Uma reiteração da involução dos costumes e da propaganda. Ainda que, como se diz, os publicitários não rasgam dinheiro e, se eles insistem na utilização dos nus, masculino e feminino, e apelos afrodisíacos no marketing comercial, é porque os estímulos seguem presentes e a sensualidade serve sempre como bom apelo. Os topless em Ipanema já são assimilados sem escândalos, talvez uma intensificação da sensualidade em detrimento da sexualidade, esquizofrenicamente.

Mesmo se os grupos de maior risco baterem em retirada. Clubes de masturbação são criados na Europa entre os gays, aumentando também a apologia do lesbianismo feminino, como grupo de não-risco, em um universo do prazer tão ameaçado por doenças e pela lei. A sodomia e a feição são considerados crimes passíveis de prisão em alguns países.

Atração fatal?

O filme mais significativo do verão é uma parábola sobre a Aids, personificada em uma Eva de traços diabólicos e sedutores. A câmera e os olhares torcedores dos espectadores estão situados no coração da célula mater da sociedade. Adrian Lyne se vale de várias câmeras na mão e uma única idéia na cabeça: a família tradicional precisa ser salva dos perigos que assolam. A problemática do "adulterio" volta com todos os seus fóros.

Enquanto isso, a Constituinte passa por alto sobre qualquer institucionalização das conquistas básicas das mulheres na vida cotidiana. A legalização do aborto, do direito de cada um a dispor de seu próprio corpo, é preterido em favor da disposição de sua (dêles) propriedade: terra, imprensa, rádios, televisões.

Um forte retrocesso se operou no transcurso dos anos 80. Somente a consciência dele pode levar a uma nova virada na correlação de forças entre as tendências conservadoras de recomposição da crise internacional e brasileira e as reivindicações libertárias. A bandeira de recuperação da alegria do prazer não pode desconhecer os riscos que a proliferação da Aids evidencia.

Mas sem cair na armadilha de governos que, ao invés de responderem pela sua irresponsabilidade criminosa ao não tomarem as medidas indispensáveis de saúde pública, desviam a atenção para as "ameaças" e ainda faturam em cima das consequências morais conservadoras, nas que eles são os mais interessados. A criminalização do prazer é um duro golpe na democratização da vida cotidiana, na liberalização dos costumes e na conquista dos direitos de dispor de sua própria vida. As mulheres serão as principais vítimas, por se constituírem ainda no elo mais frágil da cadeia.

Emir Sader é membro do Conselho Editorial do *Mulherio* e professor de Política da USP

mulherio
fev.88

O machismo volta.

Com o brutal assassinato (oitenta facadas, pescoço quebrado) do diretor de teatro Luis Antonio Martinez Correa (irmão de Zé Celso, diretor do teatro Oficina), a notícia da onda de assassinatos de homossexuais finalmente ganhou algum destaque nos jornais. Talvez porque, revoltado, a classe artística carioca resolveu se unir para protestar. Ainda assim a caçada prosseguiu, célere: na semana seguinte apareceu assassinado o artista plástico Vicente Silva de Sousa.

E visa

OS

gays

Rita Moreira*

Se agora os jornais estão dando alguma importância ao assunto, o fato é que essa nova "temperada de coisa" já começou há algum tempo. No meio do ano, a polícia paulista deu início a uma operação especial, a "Torântula", dedicada a prender travestis, graças aos esforços de grupos homossexuais e da vereadora Irene Cardoso (PT-SP); a operação foi suspensa. Os travestis passaram então a ser metralhados (que tipo de pessoa possui metralhadora?) na rua, por desconhecidos.

Em novembro, pouco depois do assassinato, em São Paulo, do diretor de teatro Manoel Paiva e do jornalista Alexandre Bresson, a prefeita Jânio Quadros proibiu, por decreto, que homossexuais entrassem na Escola Municipal de Bailado.

Reagindo à proibição, o coreógrafo e professor de dança Klaus Vianna declarou numa entrevista que Jânio perseguia homossexuais por ser "muito velho para encontrar um homem". Dias depois foi espancado por um grupo de rapazes desconhecidos, tendo que operar o nariz.

No fim do ano, numa academia de musculação, vários atletas mandaram confeccionar uma camiseta com a inscrição "Anti-Gay Commander".

Em matéria publicada a 1º de dezembro de 1987, o *Folha de S. Paulo* registra: "A guerra de Jânio contra os homossexuais está fazendo escola." É um adesivo que está circulando em automóveis paulistanos e, no mínimo, estorrecedor: MATE UM PAULO RICARDO HOJE E EVITE UM NEY MATOGROSSO AMANHÃ...

Em São Paulo, a entidade em defesa dos homossexuais, Lambda, e o Sindicato dos Artistas, organizaram uma passeata e um ato público contra o decreto de Jânio e a onda de assassinatos de homossexuais. Embora informada, a imprensa "importante" não divulgou, e poucos souberam que havia gente reagindo, ainda que apenas umas trezentas pessoas — não só devido à falta de divulgação mas, também, diz-se, porque "todo mundo está com medo". Um medo sem dúvida justificado: as cerca de quinhentas pessoas que foram à assembleia de organização do ato público, no Teatro Ruth Escobar, escaparam de boa durante os debates, um comitê sem placa parou diante do teatro, despejou vários galões de gasolina e partiu.

O Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho, disse à revista *Isto É* não acreditar que houvesse conotação política nesses crimes (embora ele próprio esteja às voltas com dezenas deles), nem na existência de um grupo de extermínio agindo. Sua opinião é partilhada pelo delegado carioca Romeu Diamond, da 13ª Delegacia de Copacabana, para quem "Não há associação possível a ser feita entre todos esses casos... Não entendo de teatro — diz ele — mas garanto que esse é um crime comum nesse tipo de relacionamento".

No entanto, para o escritor Ignácio de Loyola Brandão, o assassinato do diretor Martinez Correa "foi um crime muito mais que sexual, pois aconteceu no mesmo estilo dos outros, com cordas, facadas, asfixia".

O diretor teatral, José Celso, irmão de Luis Antonio

Martinez Correa, também disse que não entende por que a polícia se recusa a admitir uma ligação entre os vários casos. "Isso aponta para uma superficialidade suspeita e gera desconfiança" — diz ele.

Sem dúvida, em vários dos crimes (ocorreram cerca de trezentos, de 1984 a 1987), em lugar de cordas foram empregados algarismos (O que nos leva a pensar: que tipo de pessoas normalmente possuem algarismos?)

Segundo Paulo Bonfim, do Grupo de Apoio e Prevenção da Aids (Gopa) a polícia não se empenha em elucidar os crimes, por preconceito e por achar que a lei deve ser mais leve quando se comete crimes contra homossexuais. Além disso, a própria opinião pública, amedrontada com a crescente incidência de Aids, tende a fechar os olhos quando um homossexual é morto.

Herbert Daniel, escrito militante do Movimento gay e membro da Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids (Abia), lembra que há três anos recebeu em casa um panfleto que fazia relação entre a Aids e a peste suína: "Na peste suína eliminam-se os porcos" — dizia o panfleto. "Se não há uma conspiração concreta contra os homossexuais", conclui Herbert Daniel, "alguma coisa há no ar".

AIDS e papéis sexuais

A questão é: O que, exatamente, está no ar? Por que os homossexuais? A idéia de que são causadores da Aids estimulou essa nova perseguição ou, como creem muitos, não seria a própria Aids apenas uma outra arma (bacteriológica) de extermínio planejado? Parece que após algumas décadas de ilusório impulso de liberdades (movimentos pacifistas, feministas, de liberação do corpo e do sexo), o machismo desponta novamente, revigorado, duplamente feroz, contra os que não cumpriram devidamente seu papel. Papel especificamente sexual. Lembremos Docu Street, que matou Angela Diniz com dois tiros no rosto e cujo argumento de defesa, extremamente eficaz, foi a ofensa moral que sofrera ao descobrir que não havia sido trocado por outro homem, mas por outro mulher: a defesa enfatizou a "repulção" que ele sentira ao vê-la acariciando, na praia, as coxas do amigo por que se apaixonara. Ora, diante do pecado maior de Angela (não cumprir seu papel sexual de se apaixonar só por homens), justificava-se, plenamente, o assassinato. Docu recebeu uma pena leve e está livre, naturalmente. Por que lembramos disso? Um dos últimos assassinos apanhados pela polícia, Gláucia Garcia Arruda, "menina de praia", de 22 anos, justificou-se dizendo que Luis Antonio Martinez Correa sugeriu que ele desempenhasse papel passivo na relação. Ofendido em seus brios masculinos, teria então se defendido de maneira "viril": matando o diretor de teatro com oitenta facadas. Ora, por que iria o advogado do assassino arquitetar essa justificativa? Pela mesma razão dos advogados de Docu, por saber que o senso comum, ou seja, o moral da maioria, perdoaria a cri-

minosa. Ele está preso, por enquanto. Será absolvido por defesa de honra?

IMPUNIDADE A NÍVEL NACIONAL

Assim como Gláucia, outros assassinos que foram presos em São Paulo também não mostraram arrependimento. Entre eles, há dois soldados do exército (Wagner Ferreira e Nilson da Silva) e o policial militar Luis Ricardo Almeida. Os dois primeiros já escaparam "misteriosamente" da prisão. Sabe-se que alguns assassinos são vizinhos e amigos de outros, formam um esquadrão organizado?

A coisa parece até mais grave, mais sutil, como uma onda, mesma, uma espécie de partido ideológico invisível. Num debate, alguém sugeriu: serão os homossexuais os Novos Judeus do nosso tempo? Mas se eles já viveram esse pedaço, nos campos de nazismo, onde eram obrigados a ostentar um triângulo rosa, indicador de sua condição, assim como os judeus usavam a estrela...

Na busca de resposta a todas essas indagações e visando registrar o que a mídia "oficial" não registra — e sob outro ângulo — começamos a produzir um vídeo com o mesmo título desta matéria. As entrevistas a seguir fazem parte desse trabalho, em fase de finalização. Qual a relação da Aids com essa onda de assassinatos de homossexuais no Brasil?

João Silvério Trevisan (escritor)

Sempre que a coisa envolve homossexualismo a situação se torna mais complexa. É uma discriminação generalizada (...) Tenho a impressão que são coisas que a Aids apenas veio acentuar, mas é uma discriminação que sempre houve, de maneira requintada. A Aids está apenas aguçando e o Jânio Quadros é uma peça nesse xadrez.

Ruth Rothstein (Psicóloga de Massas na Rutgers University)

Acredito que a Aids foi criada em laboratório. Cla-

ra, há argumentos em contrário, como o exemplo da sífilis, que foi, até a descoberta do cura, uma doença fatal e que não poderia ter sido fabricada pela própria época. Com a Aids poderia ser a mesma coisa. Para mim, no entanto, é mais lógica o teor do laboratório (como aliás saiu no revista *New Yorker*), bem como a idéia de uma distribuição proposital. Jogar a culpa na África parece típico do machismo norte-americano. Assim como eles inoculam doenças em povos que desejam exterminar ou a fim de testar vacinas (já que nos países deles há leis protegendo os cidadãos contra esses testes), por que não testaram uma nova arma bacteriológica em grupos "indesejáveis"? Para mim, a Aids já faz parte de um extermínio calculado. Os homossexuais estão sendo duplamente assassinados.

4
mulheri
fev.88



diretor Luis Antonio Martinez Correa assassinado com oitenta facadas

O OVO DA SERPENTE

Néstor Perlongher, (professor de antropologia e da UNICAMP e autor do livro **O Negócio do Michê**)

Intelectualmente a caça às bichas ou a caça aos veados constitui uma espécie de esporte lamentavelmente popular em alguns países, como o latino-americanos... É o lamentável é que esse tipo de esporte é considerado um acontecimento natural, como a queda de uma mosca... (...) Agora, há o fato de existir uma política institucional dada neste caso pela prefeitura de São Paulo. Então é uma maneira de ver como as formas de fascismo "espontâneas", espalhadas pela população, se articulam com formas maiores. E eu acho que o preocupante é que esse fascismo parece vir de baixo também, e que as medidas do prefeito são populares. Então teríamos que lembrar uma palavra um tanto esquecida que é machismo, que fascismo é igual a machismo. E que não pode haver nenhuma modificação realmente duradoura das atuais condições políticas e sociais sem haver um questionamento do machismo, do machismo no cotidiano.

Jorge Mautner: (compositor, músico, filólogo e escritor)

Eu acho que tudo começou com o relato que fiz para o **Correio Braziliense** de 31 de março de 1986, com o título de "Troca de Impressões, minha visita com Gil ao Presidente Sarney": "foi aí que Gil, voltando-se para mim como que apresentando-me ao presidente, disse: e agora Jorge Mautner quer lhe transmitir uma preocupação muito grave, que é especificamente acentuada por Caetano Veloso. É sobre Jânio Quadros, bem, não é propriamente sobre Jânio, mas sim sobre essa misteriosa e totalitária Juventude Janista. Estamos muito, muito preocupados com isso". O presidente ficou subitamente taciturno e respondeu, perguntando de maneira incisiva: "Então vocês estão achando que a Juventude Janista seria uma nova espécie de TFP?" "Ao que Gil prontamente respondeu: "Sim, mas muito mais organizada, massificada e... *anônima*!" Mas eu me lembro que a origem disso saiu só uma vez na imprensa nacional, como se fosse um "vazamento". Uma notícia de que tinha um grupo organizado em forma de partido, eu não me lembro o nome, Redenção Nacional ou Vontade Nacional, que formava quadros Neonazistas e descobriram Jânio como uma figura muito boa para ser manipulada no sentido de atração de massas, e para desencadear uma guerra racial e de alto extermínio de bodes expiatórios, de homossexuais. Eu e Caetano discutimos muito isso porque nós observamos os fenômenos políticos... A gente dá importância ao que a gente acha importante e não ao que os políticos tradicionais de esquerda ou analistas consideraram importante. Então, a situação já está muito grave, agora que vocês

me lembraram. Então já é a execução programada desses assassínios de terror que acho só farão aumentar, em nível, quantidade e qualidade, sendo que brevemente eu posso estar na lista. Mas eu acho que é uma realidade e nós precisamos aceitá-la. E o fato do envolvimento dos quadros da polícia é uma coisa muito impressionante. Basta lembrar uma outra notícia que nunca mais foi publicada. Mereceu aquele cantinho que é o lugar onde o jornal é obrigado a publicar a notícia grave, para não perder a carteirinha de imprensa internacional de credibilidade mínima, ele tem que publicar no cantinho. E essa notícia, não havia como escapar dela: as Nações Unidas diziam que dos crimes brasileiros todos, estelionato, sequestro, assassinatos, assalto à mão armada, a polícia brasileira, seja civil ou militar, estava envolvida em, no mínimo, 90%. Acho que não há mais o que dizer...

Weiner Rosa Santos (ex-membro da Guarda Metropolitana de São Paulo)

Fui exonerado por ter feito sérias declarações à imprensa. Uma, o fato da Guarda Metropolitana ter trocado as armas do crime no dia da morte do pedreiro Adão (caso da invasão dos acampamentos dos Sem Terra pela Guarda Metropolitana de São Paulo) ao

entregá-las para polícia judiciária. Outra, por ela (a Guarda Metropolitana) estar procurando, caçando homossexuais, sendo que dentro da polícia existe, em todo lugar existe homossexuais. Ele (Jânio) não tem o direito de fazer isso! Estou sendo procurado vinte e quatro horas por dia. Eles querem dar um fim em mim. Pois fiquem sabendo que eu não tenho medo de morrer. E se todos os jovens fizessem o que estou fazendo não teria esse fascista, esse segundo Hitler na prefeitura.

Se os órgãos encarregados de apurar os crimes e garantir a segurança civil parecem estar envolvidos e ser co-autores desses crimes, que outros caminhos ou formas de resistência podem ser utilizadas?

Jorge Mautner, o jeito é se preparar para épocas mais tenebrosas, mais terríveis, e situações mais horrorosas ainda. O Kollreuter, para combater o nazismo na Alemanha, tinha bolado grupos de estudos de música, filosofia, poesia, como o Figa Brasil, para falar de Heráclito, Einstein...

Ele dizia que só a profundidade desses grupos culturais é que poderia impedir o nazismo. Porque ele havia percebido que o nazismo não era uma psicose superficial. Leon Trotsky, aliás, notou que o nazismo se diferenciava de todas as formas da direita e ao invés de ser de cima para baixo, era a primeira vez que do próprio rodado, do tufão da história em sua base, surgia um movimento de massas de extrema direita, homicida e nihilista. E como se uma secção inteira do proletariado alemão e quase toda a burguesia tivessem enlouquecido.

Não haveria *mesmo* formas de defesa e organização para evitar e punir esses crimes? **Lélia Abramo**, (atriz)

É difícil, a partir do momento que essas horas estão decididas a perseguir os homossexuais. É preciso localizá-los, identificá-los e puni-los. As autoridades têm que intervir. O go-

verno não pode ficar omissivo diante desses crimes, ele tem que tomar uma atitude e uma atitude drástica e violenta.

Néstor Perlongher: Os caminhos seriam as formas de auto-organização. Infelizmente, a partir da questão da Aids tem diminuído muito o grau de ocupação territorial no centro da cidade por parte dos grupos gays, o que dificulta a possibilidade de auto-organização.

Ester Góes, (atriz)

Eu acho que se tem gente que tem dignidade, tem gente que ainda protesta, se tem gente que assume sua condição humana integralmente e tem coragem de se colocar mesmo em uma fase como esta, diante dos absurdos que têm acontecido, nós temos que estar com essas pessoas. E preciso dar força para tudo aquilo que ainda defende o ser humano contra qualquer tipo de violência.

Araldo Xavier, (poeta, militante do Movimento Negro)

O que está ocorrendo com os homossexuais é abominável! Deve ser feito um movimento em toda a sociedade para uma mobilização de forma muito forte. Porque a opção da sexualidade é de cada um. Essas coisas não se invade, não é crime, é como a questão do corpo para nós negros, que somos anti-cristãos, pagãos, e estamos nos apropriando de nós mesmos.

Gilberto Gil, (cantor e compositor, candidato à prefeitura de Salvador)

Eu acho que alguma providência deve ser tomada de imediato, eu acho que se eles não têm uma liderança que possa fazer ver à sociedade o absurdo que está acontecendo é preciso que nós, que não somos homossexuais, tomemos uma atitude denunciando o fato.

Rita Moreira é jornalista e produtora de TV



Artistas vão cobrar da Polícia mais seriedade nas investigações

* Com colaboração de Dorian Castella

Sexo e crise no feminismo

A última década assistiu à eclosão de algo sem precedentes em muitos países da América Latina. Em centenas e centenas de grupos populares das mais variadas origens, mulheres para quem o sexo sempre significava vergonha e medo, começaram a expor publicamente suas dúvidas, experiências e c. jústias.

Carmem Barroso

Por que um tema mantido sob rígidos limites durante séculos, passa a ser objeto de discussão pública em grupos de mulheres das camadas populares? Em primeiro lugar haverá que compreender a re(emergência) dos movimentos populares na cena política. Os artigos de Gina Vargas, Eva Blay, Elizabeth Jelin e muitas outras ajudaram a compreender especialmente a participação das mulheres. Fazendo parte de um processo mais amplo de politização do cotidiano, as mulheres trouxeram contribuições originais. Entre elas, a questão da sexualidade, que emergiu sob diversas formas.

As primeiras e mais evidentes foram as demandas por educação sexual. À medida em que essas demandas passam a ser mais elaboradas, fica evidente que elas respondem, pelo menos, a três necessidades distintas: auto-educarem-se para educar seus filhos, informarem-se para controlar sua fecundidade, e buscarem novas formas de relacionamento sexual mais prazerosas. Essas necessidades não surgiram do nada; são resultado de um conjunto de transformações sociais que se aceleraram durante a crise.

A educação sexual

Tradicionalmente, a educação sexual que pais e mães transmitiam aos filhos e filhas, nos vários países, era muito simples. Desde a mais tenra idade, o silêncio, a resposta evasiva ou a brutal repressão traziam todos a mesma ideia: sexo é sujo e vergonhoso, algo sobre o qual convém não saber muito. Um duplo padrão de moralidade separava homens e mulheres, e mulheres "boas" e "más".

As mães, em particular, cabia exercer rígido controle da sexualidade de suas filhas, preservando por todos os meios sua virgindade enquanto solteiras. Autoridade inquestionada e vigilância constante eram suficientes. Exceções existiam em grande quantidade mas não alteravam o predomínio da norma.

Nas últimas décadas, tem se alterado radicalmente a situação dos jovens e das jovens dentro e fora da família. Não sem conflitos, a autoridade paterna tem se erodido e a vigilância permanente tornou-se uma impossibilidade. Estudos sociológicos e antropológicos tem mostrado como a migração e a urbanização tem afetado as relações familiares. A grande expansão da escolaridade e o vertiginoso crescimento dos meios de comunicação contribuíram para dar novo status aos jovens e disseminar valores de auto-realização individual e liberalização de costumes. As estatísticas que indicam número crescente de mães adolescentes a partir da década de 70 são apenas um dos indicadores de mudanças mais amplas que estão ocorrendo em todo o continente.

As mães não conseguem mais impor os rígidos padrões com que foram educadas, e nem sequer estão seguras de que devam tentar fazê-lo. Sua busca de educação sexual para que possam orientar seus filhos reflete essa perplexidade.

O controle da fecundidade

Em quase todos os países do continente caiu drasticamente o número médio de filhos por mulher. Em alguns países, como no Brasil, esta queda se dá em todas as classes sociais e ocorre inclusive na zona rural.

As transformações sociais que contribuíram para motivar a limitação da natalidade são bem conhecidas. A população do continente tem migrado maciçamente para cidades, onde a organização do ambiente dificulta o cuidado infantil. Condições de habitação precárias, ausência de equipamentos coletivos como creches, e violência generalizada exigem supervisão constante dos imaturos. A migração freqüente dificulta o recurso a redes de parentesco e vizinhança.

Ao mesmo tempo em que estas condições foram contribuindo para disseminar a motivação para evitar filhos, as mulheres permaneceram sem acesso às informações e aos meios que lhes permitissem tomar decisões conscientes a esse respeito. Governos tem sido omissos e entidades privadas controlistas tem tido como alvo primordial evitar nascimentos a qualquer custo. Assim, a queda da fecundidade está ocorrendo às custas da saúde das mulheres pobres. Pílulas sem acompanhamento médico, abortos clandestinos sob condições precárias, esterilizações sem informações adequadas em idades precoces são os problemas de saúde reprodutiva mais comuns que assolam o continente. Inúmeros outros problemas correlatos, trazem angústia permanente a mulheres que têm de se defrontar com decisões cruciais para si próprias e para suas famílias. Sua busca de educação sexual reflete a dificuldade dessas decisões e sua carência de informações.

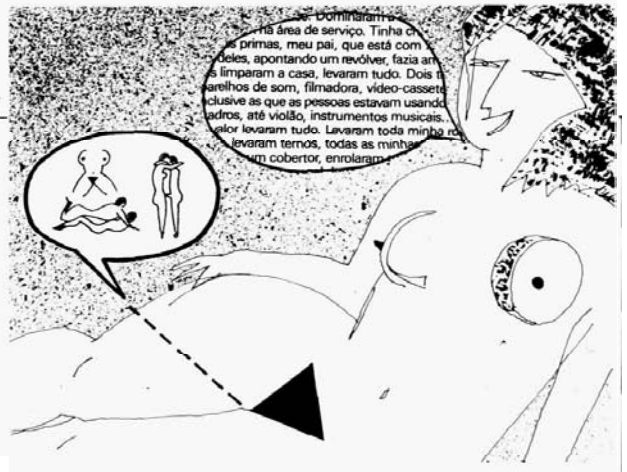
Relações prazerosas

Mudou muito nesta geração o significado das relações de casal e a centralidade da realização afetiva e sexual. Se décadas anteriores presenciaram a gradativa predominância da ideia do amor romântico como componente essencial da auto-realização, as últimas décadas — sem descartar a ideia da ligação sentimental forte, exclusiva e duradoura — a ela acrescentaram a noção do prazer sexual como um bem indispensável em si mesmo, e não de todos e todas, e o menos daquelas que se o sr. seram a assumir o compromisso do casamento.

A em disso, na transferência para a cidade, o horizonte das possibilidades tanto na esca de parce ros como nas formas de relacionamento amplia-se extraordinariamente pela multiplicação das pessoas com as quais se tem contato direto e pelo atropelamento dos controles exercidos pe a tam ia e pe a comunidade mais próxima. Essa ampliação muitas vezes permanece no terreno das possibilidades, não chegando a se efetivar de fato, circunstância que gera uma privação relativa ainda maior que a da situação anterior onde, não existindo a possibilidade, ela não chegava a se colocar como aspiração.

Outras transformações também estão diretamente relacionadas com a nova dimensão adquirida pelas necessidades afetivas e sexuais. A expansão da indústria cultural veio ao encontro da construção de um imaginário que sugerisse as múltiplas carências de um cotidiano massacrante. Entre as inúmeras direções tomadas pelas formas de evasão — adquiriram predominância as que elaboram o tema do relacionamento afetivo homem-mulher. Seja sob a forma dos milhões de exemplares dos romances da série *Sabrina* e similares, seja sob a forma das novelas que entra ano, sai ano, substituíram-se umas às outras no horário nobre da televisão, o jogo amoroso capta a imaginação de milhões de brasileiros de todas as idades, à semelhança do que ocorre nos demais países.

Todas essas transformações fazem com que um continente crescente de mulheres sintam necessidade de realização do ponto de vista afetivo e sexual. Esta realidade é articulada de maneira explícita na demanda por educação sexual, mas aparece inevitavelmente nos pe-



quenos grupos tão logo o tratamento de questões mais legitimadas socialmente (como a educação dos filhos e o planejamento familiar) tenha permitido a quebra do gelo das relações formais.

Mulheres do povo talam: quem as ouve?

Quando as mulheres dos setores populares apresentaram suas demandas por educação sexual, a primeira reação dos "bem-pensantes" foi de incredulidade. Aí, predominavam modelos explicativos de corte marcadamente economicista. Tanto desenvolvimentistas quanto "pensadores críticos" não reservaram nenhum espaço para a subjetividade. Essa era reserva exclusiva dos psicólogos, que, com sua linguagem de "inconsciente", "frustração" etc., situavam-se em outra galáxia, ou, pelo menos, cuidavam de entender outra classe social que, não tendo de se preocupar com questões de sobrevivência poderia se dar o luxo de ter conflitos emocionais e frescuras semelhantes.

Também entre as feministas e reação inicial foi bastante cautelosa, desejosa de conquistar seu lugar ao sol no cenário efervescente dos movimentos sociais, os grupos feministas a princípio fugiram de questões mais polémicas como o diabo da cruz. Aliás, da cruz da Igreja Católica houve, pelo contrário, uma busca ativa de obtenção de apoio, o que significou evitar tudo que evidenciasse discordância com a Santa Mãe Igreja. O preço a pagar pela ousadia de levantar a bandeira da igualdade entre os sexos já era caro demais. Estudá-la ao prazer sexual seria correr o risco da perda total da respeitabilidade. E a sombra protetora das organizações religiosas era importante, especialmente sob regimes autoritários e com a sociedade civil desorganizada, instituições débeis, ameaça de repressão sempre presente.

Outra razão afastava as feministas da sexualidade. Como suas militâncias eram originárias principalmente da classe média e da esquerda, havia dois fantasmas a exorcizar. De um lado, era preciso provar que não se preocupavam com frivolidades femininas, que estavam engajadas numa luta política centrada naquilo que "realmente importa" (A nível teórico, teve enorme sucesso o debate sobre a relação entre o trabalho doméstico e o capitalismo, por exemplo. A nível de organização, as feministas se engajaram integralmente nas "lutas gerais" contra o custo de vida etc.). De outro lado, era preciso estar em alerta constante para não impor às mulheres das camadas populares, preocupações e valores de origem burguesa.

No entanto esta autocensura não poderia durar muito. Em versões mais radicais ou mais conservadoras, os prazeres e os perigos do sexo sempre estiveram incluídos na agenda das preocupações da maioria das correntes feministas no passado. No Brasil, por exemplo, são pioneiros os livros arrojados de Maria Lacerda Moura (*Amor e não vos multipliqueis*, 1932) e de Ercília Nogueira *Cobra (Virgindade anti-higiénica, 1924 e Virgindade Múltipla, 1927)*, e já na década de 30 a Federação Brasileira para o Progresso Feminino defendia a educação sexual, em trabalho apresentado no Segundo Congresso Internacional Feminista, realizado no Rio de Janeiro (Bruschini e Barroso, 1986).

Mas não foi a fidelidade a princípios historicamente defendidos o que inspirou as feministas da última década a romper seu distanciamento das questões sexuais. Foi a iniciativa das mulheres pobres das periferias urbanas que, ao levantar a demanda por educação sexual e planejamento familiar lhes deu a legitimidade necessária para colocar esses itens na pauta das discussões públicas.

Em 1979, nas comemorações de 8 de março na Praça da Sé em São Paulo, as mulheres cantavam em coro "mais pão e mais têsão". Quebrava-se um tabu, a hegemonia absoluta das necessidades ligadas diretamente à sobrevivência, mas a linguagem ainda era masculina e apropriação de uma metáfora fãida revelava a carência de terminologia própria para designar o prazer feminino, uma entidade ainda por instituir.

Extasiadas com as possibilidades que se abriam, muitas feministas a elas se entregaram de corpo e alma. Talvez mais alma do que corpo. Falou-se de sexo exaustivamente. Afinal, era preciso articular um discurso, havia via uma fala a construir. Muito se havia dito e escrito anteriormente, é verdade. Religiosos, médicos, psicanalistas, todos tiveram algo a dizer sobre a sexualidade feminina. Mas agora tratava-se de "escrever com o útero pensar a experiência vivida, olhar-se no espelho, fazer uma imagem".

Novos desenvolvimentos na ciência também trazem sua contribuição. A sexologia começa a adquirir direitos de cidadania no mundo científico. Experimentos de laboratórios fazem ruir por terra o mito do orgasmo vaginal. Desbravando seu corpo inúmeras mulheres descobrem o clitoris sem culpa. O auto-exame adquire status de ritual de liberação, imprescindível à entrada na comunidade das iniciadas. Algumas assumem experiências: homossexuais, que mais tarde tentam elevar à categoria de única prática realmente transgressora em relação ao sistema falocêntrico da heterossexualidade compulsória.

Ao lado do prazer e da emoção da descoberta de uma nova identidade, havia uma razão política importante de rigidez nos corações e as mentes das feministas para o sexo. Combatidas sob o argumento que a divisão de classes impossibilitava qualquer interesse comum entre as mulheres, encontraram na repressão sexual uma das evidências mais claras contra esta suposição. A demanda por educação sexual, e os depoimentos pessoais oferecidos espontaneamente por mulheres das classes trabalhadoras, em qualquer ocasião que se lhes oferecesse, tapavam a boca dos que ainda duvidavam que "nem só de pão" vive a mulher pobre.

Ao lado desta, havia outra motivação política igualmente forte: tentar definir sob nova perspectiva a relação entre sexualidade e reprodução. O planejamento familiar, questão controversa em todo o continente, costumava ser atacado ou defendido por razões inteiramente alheias ao direito da mulher controlar seu corpo. Em vários países, as mulheres trabalharam com certo sucesso, para a mudança dos termos em que o debate estava sendo levado. Ao mesmo tempo em que as políticas populacionais interessam diretamente às mulheres pelos impactos que podem ter na vida cotidiana de cada uma, são também uma via de acesso privilegiada para que as mulheres intervenham no debate das políticas econômicas, pela estreita relação que comumente se supõe haver entre umas e outras.

Na verdade, esse potencial está longe de ser plenamente desenvolvido. Muitas feministas se contentariam com palavras de ordem do tipo "prazer é revolucionário", entendido simplesmente como se a união de nossos orgasmos múltiplos pudesse fazer ruir o Pentágono. Casadas de um discurso abstrato que parecia servir apenas para escamotear a realidade, muitas abdicaram de qualquer tentativa de teorização, preferindo colar-se à experiência imediata.

Carmem Barroso é membro do Conselho Editorial do Mulherio, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e professora do Departamento de Ciências Sociais da USP.

Cicciolina brasileira? Puro marketing político

Todo mundo já está pensando em topless nos palanques. Mas política e nudez não vão andar juntas na campanha deste ano à prefeitura do Recife como a grande imprensa vem anunciando. Tudo não passou de um desafio da candidata Sandra Feldens, também conhecida como a Cicciolina brasileira.

Santamaria Silveira

O fotógrafo de um moderno jornal paulista queria por toda lei do universo que a paisagista Sandra Feldens, 27 anos, candidata à prefeitura do Recife pelo Partido Verde (PV) tirasse a roupa. A explicação é simples: a imprensa fez dela a Cicciolina brasileira. Tudo por que ela prometeu tirar ou outie se os políticos tirassem as máscaras. A partir desse desafio todo mundo só fala uma "campanha quente".

Ao que tudo indica, esse marketing político está funcionando. Sandra já é conhecida além das fronteiras da capital pernambucana. "De certa forma essa associação com a deputada Ana Staller (Cicciolina) tem ajudado", diz, mas minha campanha nada tem de erotismo". Para ela, loira, olhos azuis, ex-manequim, a eleza nem mesmo influencia o eleitorado: "Se isso realmente contasse, o Miguel Arraes (PMDB) não teria sido eleito para o governo e Pernambuco, pois o José Mucio (PFL) era muito mais bonito e atlético." E conclui: Depois, a juventude e a beleza acabam, não ou ser a mesma dentro de 30 anos".

Para as eleições desse ano, o slogan do PV "legalize", o que deixa uma porta aberta para defesa de diferentes bandeiras. A mais importante para Sandra Feldens é a legalização do PV, depois a legalização do barto. Solteira e mãe de três filhos, Sandra e pudesse ainda "deslegalizava" o asamento: "É uma instituição falida, onde cada parceiro quer ser dono do outro, levando uma separação que é ainda mais confusa. Ou a favor da união, pura e simples, sem apel passado".

O PV é o primeiro partido de Sandra: "Nunca me interessei pela militância política, minha reocupação sempre foi com os movimentos populares e ecológicos". Para quem não sabe, no Brasil, os movimentos ecológicos tinham mais medo de política que a TFP do comunismo. Somente na década de 80, a política começa a entrar nos movimentos de denúncia da degradação ambiental urbana e comunicações alternativas, os dois grandes filões acionais.



Sandra. A associação com Cicciolina tem ajudado.

Verdes planos

Sandra Feldens tem uma plataforma que ela chama de "dez mandamentos". Mas como toda religiosa não praticante, ela só lembra de três: reforma agrária, reforma urbana e melhoria dos transportes públicos. Ela também quer conscientizar a população do Recife, "que não conhece seus direitos como acontece no Sul". Para fazer isso, quer humanizar a Cidade, criando subprefeituras em cada bairro, sendo que cada subprefeito terá acesso direto à titular do Executivo municipal. E Sandra também quer muita participação da comunidade: "Não adianta apenas executar obras, primeiro é preciso saber se a população quer aquela praça, aquela ponte etc."

Caso eleita, promete também fazer uma política de boa vizinhança com o governador Miguel Arraes, de quem não gosta muito: "Ele quer repetir uma administração semelhante a do tempo em que foi cassado. É muito arcaico". Por outro lado, não teme seus concorrentes, como o deputado Fernando Lyra (PMDB) e João Coelho (PDT). "Tenho tido boa aceitação nos debates que venho participando, em torno de 80%, apesar de no Recife ainda haver muitos eleitores machistas e conservadores".

Mas engana-se quem pensa que Sandra Feldens é feminista: "Vida que feminista prega, eu não prego", diz. Segundo ela, as feministas ainda são radicais e não aceitam a participação dos homens, mas ressalva: "O movimento foi bom para dar uma sacudida nas mulheres. Eu nunca participei, mas pelo tipo de vida que levo não deixo de cumprir algumas propostas do movimento".

Além das feministas, Sandra Feldens abomina as constituintes. De acordo com ela, nenhuma das 25 deputadas do Congresso Constituinte faz um trabalho sério: "É tudo prostituinte", deixando no ar um ditado popular para reafirmar que ninguém mesmo é poupado do seu julgamento: "De boas intenções, o inferno está cheio, como dizia o meu pai".

Machismo em São Paulo?

Depois de anunciar a candidatura, a cantora Rita Lee e a deputada estadual Ruth Escobar, o PV de São Paulo está em negociações para lançar mesmo um candidato homem: o radialista Osmar Santos, ex-senhor Diretas-Já, que vem promovendo no seu show na TV Manchete quadros, como "As mais belas pernas": "Não vejo machismo nenhum nisso", defende José Gaspar Ferraz de Campos, presidente do partido em São Paulo, "é contingência de um programa de variedades".

José Gaspar garante que o PV não é machista, nem feminista (que Gabeira não nos ouça), porém, acredita que o partido, como aconteceu na Alemanha, deve abrir espaço para as mulheres: "Aqui a mulher ocupa a executiva nacional, não fica restrita ao departamento feminino". Segundo Gaspar, mulheres como Rita Lee, serão carro-chefe à Câmara paulista nas eleições deste ano.

A campanha do PV será bem diferente dos tradicionais partidos de acordo com Gaspar: "Nada de sisudez, queremos formas novas que chamem a atenção da população". Tudo deve girar em torno da participação da comunidade na defesa da ecologia. Assim está previsto uma navegação pelos poluídos rios Tietê e Pinheiros. Mas o eleitorado não deve esperar nada semelhante ao marketing do Recife. (S.S.)



José Gaspar e Sandra G. Feldens na sede do PV em São Paulo

Chega de saudade? Tudo indica que não

Nestes tempos cinzentos em que vivemos, outras cores, mais quentes ou mais luminosas, é que dão o tom da moda. Só se fala em "anos dourados", "dias brilhantes", assunto inesgotável dos cultores das décadas de 50, de 60 e até, já, da de 70. É uma infusão de nostalgia que se sabeira como a um néctar délfico. *Aí estão as novelas de TV provocando torcicolos e deslocamentos de coluna e, quem sabe?, até velhinhos sassaricando de novo na porta da confeitaria Colomba... Um assombro!*

Valmiki Villela Guimarães

A tônica, pois, é a sede (ou fome) de tudo o que se passou naquelas décadas primordiais deste século tão descrito e já agonizante. Tenta-se catar, a qualquer preço, os cacós daqueles anos incoativos para se eternizar a fugacidade dos bons momentos que venham rápido, a madeleine e o chá de filial! Ou, mais brasileiro, a mãe-benta e o café com leite. Nacionalista como a Petrobrás.

E enquanto a tardinha cai e o barquinho vai, as moças — perdão! os brolinhos — com seu conjunto de ban-fon (americano legítimo), saia de tergal plissada, sapatinho chanel e penteado em touca holandesa estão esperando os rapazes. Lá vêm eles, desfilando suas camisas volta-ao-mundo, com a imprescindível camiseta branca por baixo, terno da Duca!, não se esquecendo, é claro, do chaveiro no bolsinho da calça, com a plaquinha para fora. Sapatos Clark ou Scatamachia. Elas, com um suave aroma de Leite de Rosas ou Ponds, eles com quina petroléio no cabelo, rumo ao footing da praça, para depois dançarem na casa do Caique ou da Auxiliadora...

Mas, antes do baile, vamos ao cine Metro mais próximo para a pré-estrela de um musical espetacular, com Doris Day, Gene Kelly, Cid Charisse e Ann Miller, mais a Leslie Caron, Donald O'Connor, Judy Garland, Miltzi Gaynor e Fred Astaire. Cor de Nathalie Kalmus e figurinos de Edith Head. Direção de Vincent Minelli, é claro. Não, talvez seja melhor uma comédia do Vittorio de Sica no Art-Palácio, com Gina Lollobrigida, Elza Martinelli, Alberto Sordi, Raf Vallone, Silvana Pampanini, Paolo Stoppa, Gino Cervi e Ave Ninchi. Na trilha sonora, *Nel blu dipinto di blu* e *Marcianita*. Outros tempos!

E todos de novo a tomar cuba-libre ou hi-fi, embalados ao som de *Doucement* de Jean Paque ou *Feito para dançar* n.º 16 de Waldir Calmon. E que venham os pedaços de pizza caseira, massada e com recheio de sardinha nos pratos colorex, ou biscoitinhos Piraquê postos discretamente na mesinha arabe de pau-marfim, ao lado daquele jarro de cerâmica com plumas coloridas...

Tudo é válido nessa *recherche du temps perdu*, ainda que muito mais pra JK do que para Proust. "Dura lex sed iustex, no cabelo só Gumex" — proclamavam os eruditos jovens dos anos 50. E haja

arqueólogos culturais para se recuperarem tantos modismos de outrora! Bons tempos, mesmo. Só que ninguém sabia. Tomava-se Uruonal e vivia-se contente!

Chega de saudade. A minha fome — ou sede, vá lá — é de outra categoria. Repto a pergunta-título: — Cadê elas? Cadê a Sra. Leandro Dupré? Cadê Emi de Bulhões Carvalho Fonseca? Cadê Dinah Silveira de Queiroz? Cadê Maria de Lurdes Teixeira? Helena Silveira e Eneida, cadê? Cadê Dulcina? E Eva Tudor? Madame Morineau, cadê? Margarida Lopes de Almeida? E Christina Maristani? Cadê Bertha Singerman? E Olga Praguer Coelho? Cadê, cadê Guiomar Novais? E Elza Marzullo, cadê? Cadê Elsie Lessa e Lúcia Machado de Almeida? E Magdalena Tagliaferrero? Cadê Nina Salvi? Vocês todas, onde estão?

Meu pai, toda semana, comprava **O Cruzeiro** e eu ficava prelibando a emoção de virar solfregamente as páginas até encontrar o capítulo do romance da Dinah, da Emi ou da Dupré que, conforme nota no final da página, seria mais tarde publicado pela Editora **O Cruzeiro**. Mas isso era supérfluo para mim. Eu queria mesmo era devorar aquele e aguardar o dia seguinte. Fosse **Orfãos de pais vivos**, **A Muralha** ou qualquer outro, o prazer do texto era inexcédível.

Mas não era só o folhetim que me interessava. E, é claro, minhas leituras não se limitavam a esse semanário. Meu pai — consumidor compulsivo da imprensa escrita — assinava o **Diário de Notícias**, o **Correio da Manhã** e costumava comprar **O Globo** e o **Diário Carioca**. O contacto com essa massa de informantes me ensinava o mundo. Onívoro, guloso mesmo, tudo que vinha escrito era a REVELAÇÃO para mim. Reportagens sensacionalistas de David Nasser e Jean Manzon tinham o mesmo valor que desfiles de elegâncias, prêmios do Sweepstake ou **premières** no Teatro Copacabana. Cada foto, cada comentário e cada crônica valiam por uma viagem àquele universo tão diferentes do meu, provinciano e chão.

As mulheres, porém, não brilhavam apenas nas passarelas da moda ou nas crônicas de Marcos André. Se esse mundo deslumbrava pelo requinte ou pela elegância, outro havia, mais rico em fantasia e sedução. A Rádio MEC transmitia recitais de Olga Praguer Coelho e de Christina Maristani. Ouviam-se gravações de Guiomar Novais e Magdalena Tagliaferrero, que levavam nas pontas dos dedos o nome de Brasil a pianos longínquos. E eu já sabia que **Bidu Sayão** fascinava os americanos com sua voz melódica, tanto quanto Violeta Coelho Neto de Freitas fazia vibrar o Municipal com sua pungente **Mme. Butterfly**.

Mas os palcos eram também ocupados por Margarida Lopes de Almeida e Bertha Singerman. Declamadoras, elas traduziam em gestos e voz emoções e sentimentos que poetas tinham procurado expressar em suas obras. Assim, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia e Alvaro Moreyra alcançavam outra dimensão para o "seleto público" daquelas **diseuses**.

Não posso deixar de registrar o pioneirismo de Dulcina, de Eva Tudor e de Madame Morineau — ainda hoje pontificando na arte cênica — que desbravaram este país, com suas temporadas anuais, levando os grandes nomes da dramaturgia universal ao conhecimento da província.

Mas volto ao trabalho das letras e às suas operações. Elza Marzullo — "Da mulher para a mulher" no **O Cruzeiro**. Helena Silveira. Rachel de Queiroz trazendo o Nordeste para o Brasil de cá. Impressões do quotidiano, crítica, nadinhas pessoais, viagens —



Teresa Bertinck

tudo ali se via e sempre se aprendia um pouco. Já eu diferenciava a escrita feminina. Havia um quê de misterioso, um charme sutil, diferente, em cada uma. Uma crônica de Elsie Lessa, por exemplo: cosmopolitismo, o prazer do inusitado, a sensação rápida de um toque poético — marcas da escritora que gravei.

Desses nomes que citei, um está bem guardado na minha memória. Autora de um livro infantil, lido e muitas vezes relido por volta de meus 8 anos. Era histórias simples, sem fadas nem gigantes. Lembro-me de uma: um homem compra um cavalo para os filhos brincarem, esquecendo-se que morava numa

casa com escadas. Leva o animal, deixa-o em baixo e sobe. Ouve um barulho estranho atrás de si e eis o cavalo subindo a escada! Não me lembro de outras. Faz tanto tempo! Mas guardei a autora e é com ela que termino esta *recherche*. A você, Nina Salvi, coraando todas as demais que fizeram a minha cabeça na infância e na adolescência, a minha homenagem.

NOTA: nesse meu tempo retrouvê valii-me tão somente do registro mnemônico. Não conferi dados para lhe dar cunho de exatidão. Fragmentos de muito, muito amor.

Valmiki Villela Guimarães é professor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

O Brasil não merece o Brasil?

Ao completar 40 anos, a publicitária Rose Saldiva resolveu se dar um presente: uma pesquisa que apontasse do que a classe média do eixo Rio — São Paulo tem mais saudade. Teve gente que mostrou nostalgia pelo Brasil, aquele dos anos 60, quando havia políticos de credibilidade, movimentos estudantis atuantes e era possível ter algumas certezas na vida.

Mas essa onda retrô não se resume a uma pesquisa de campo, ela vem varrendo o Brasil neste final de século e pode ser medida pelo seu aproveitamento político. "Eu era feliz e não sabia" é o slogan do deputado constituinte Delfim Netto (PDS), o ministro com mais horas de voto na ditadura. O lema do ex-presidente João Figueiredo — que queria fazer deste País uma democracia, nem que fosse na porrada — também não fica atrás: "No tempo do João é que era bom", mostrando que a direita vai se instalando confortavelmente como a "grande alternativa" para a nossa crise geral e irrestrita. Mas uma dose nostálgica dessas pode matar o Brasil. S-O-S

	SP	RJ	TOTAL (média)
Do que o País tem saudades?			
Senso de identificação com a sociedade em que vivem	100	100	100
Senso de moralização	100	100	100
Andar na rua tranquilamente	100	100	100
Ter tempo para si próprio	100	100	100
Ter certezas na vida	94	100	94,5
Vida mais comunitária	95	90	92,5
Pessoas mais simples	89	95	92,0
Crianças brincando na rua Tranquilamente	88	93	90,5
Receber e manifestar solidariedade	83	91	87,0
Ter incentivo para trabalhar	85	74	79,5
Homens fortes politicamente	81	75	78,0
Senso de justiça social	75	78	76,5
Conversar com vizinhos na porta de casa	72	65	68,5
Confiar à educação e formação dos filhos à escola	74	58	66,0
Movimento hippie	53	67	60,0
Namorar no portão	55	64	59,5
Movimentos estudantis	57	55	56,0
Dividir o pouco que se tinha com os outros	41	26	33,5
Descobrir o novo	93	85	89
Dançar de rosto colado	76	63	79,5
Refeições em família	68	76	77
Ver tv com amigos	80	69	74,5
Poder viajar	60	80	70
Rituais de Natal	61	70	65,5
Festas de aniversário	57	73	65
Fazer pic-nic	60	68	64
Bailes de orquestras	60	62	61
Batatinhas domingueiras	65	57	61
Camping	68	50	59
Bater Papo com os amigos/bares no fim da tarde	47	71	59
Colônias de férias	68	40	54
Grandes filmes musicais	59	47	53
Teatro de revista	47	51	49
Comer frutas no pé	52	44	48
Assistir desfiles de moda	54	32	43
Torcer no campo de futebol	45	40	42,5
Festas de formatura	32	48	40

Fonte: Saldiva e Associados Propaganda

O SILÊNCIO VALE OURO



Fotos: Senhor, Folha de S. Paulo

Fato: Massacre de 93 (?) habitantes do garimpo de Serra Pelada. As notícias indicam que havia uma mulher grávida entre as vítimas.

Data: 29 de dezembro de 1987, dia de São Bonifácio.

Local: Ponte sobre o rio Tocantins, rodovia PA-150, a 10 km do centro de Marabá, leste do Pará.

Personagens: Hélio Gueiros (governador do Pará), coronel Antonio Carlos (secretário de Segurança Pública), tenente-coronel Reinaldo Pessoa (do 4º batalhão da polícia militar de Marabá), 350 soldados da PM do Pará, 3 mil homens e mulheres da população do garimpo.

Sinopse: 1. Ocupação pacífica da Ponte do Tocantins pelos garimpeiros em greve, que reivindicavam o rebaixamento das cavas para diminuir o risco de desabamentos. Cer-

ca de 39 garimpeiros já foram soterrados por avalanches, segundo as informações existentes.

2. Início das negociações entre o sindicato dos garimpeiros e governo do Pará. Intransigência do governo.

3. Bloqueio dos dois lados da ponte por 350 soldados armados, que atiram sobre a multidão indefesa.

4. Primeiras notícias sobre o massacre. Denúncia e demissão de Nelson Marabuto (interventor junto à Cooperativa de Garimpeiros). Negação oficial do governo do Pará, que admite apenas 2 mortos. Investigação da polícia federal acompanhada de relatório confidencial sobre o desaparecimento de 73 pessoas.

Os jornais noticiaram. As revistas noticiaram. A tevê não viu nada. O plenário da Câmara rejeitou a proposta de investigação do que pode ser o maior massacre já registrado no país. Os partidos silenciaram.

Os jornais passam, as notícias são esquecidas. A omissão domina e pode prevalecer. Já se tornou tão típica como o carnaval, o Senhor do Bonfim, o Mengão, o menor abandonado, as orgias da corrupção oficial, o tacacá, o guaraná, o marajá.

Esquecer o massacre de Marabá é dizer que o assassinato de 93 (?) pessoas é um fato desprezível. É preciso exigir a apuração dos fatos e a determinação das responsabilidades. Afinal, quantos foram assassinados e feridos? 93, 62, 47, 28,2?

Não, não jogue na loto. Nem no bicho. Jogue mais alto. Exija justiça. Faça como o Eustáquio, a Valéria, o Pedro, o Leandro, a Rose li, a Leusa e a Maria Luiza (fone (011) 872 6119). Comece uma campanha. Conte conosco.

MULHERIO

9
mulherio
fev. 88

VIVA A AMÉRICA LATINA.

Viva as belezas naturais, o povo e a cultura dos países latinoamericanos. Roteiros para Cuba, Nicarágua,

México, Peru, Colômbia, Chile, Bolívia, Uruguai, Argentina etc. Participe dos congressos de 1988

do Palácio das Convenções de Havana. Solicite nosso programa de eventos.

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU A

Porto da Barra
TURISMO LTDA

EMB. 008580041-8
IATA 57561663

REPRESENTANTE OFICIAL DO PALÁCIO DAS CONVENÇÕES DE HAVANA - CUBA
RUA JOÃO PONDÉ, 43 - LOJA - CEP. 40.130 - SALVADOR - BAHIA - TEL. (071) 235-1499 - TELEX (071) 2997

Negros: A escola trata mal essa grande minoria

O Brasil não é, como se apregoa, uma verdadeira democracia racial. Até mesmo num espaço limitado como a escola pública, onde as oportunidades teoricamente são iguais, a discriminação é um fato, evidenciado pelo racismo e negação do valor da raça e cultura negras.

Luiz Carlos Lopes

De depois da família, a escola é o mais importante espaço de socialização da criança e, conseqüentemente, tem forte papel na definição dos valores e desejos das pessoas adultas. Reproduzindo preconceitos dentro das salas de aula, a escola contribui para a sobrevivência da discriminação, com o agravante de não reconhecer publicamente essa falha. Ao contrário, a escola pública também acredita piamente que oferece tratamento e chances iguais a todos os alunos matriculados.

O Movimento Negro, através de seus vários segmentos, vem tentando mudar esse quadro, por enxergar na escola um dos mais estratégicos espaços de luta contra a discriminação. Afinal, é na escola que a criança aprende a admirar pessoas e também começa a receber as informações necessárias ao surgimento de um ser consciente e crítico.

A professora Rachel de Oliveira, coordenadora do Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-brasileiros da Secretaria de Educação de São Paulo lembra que a escola ainda funciona como símbolo de ascensão social para muitos famílias negras. "As mães ainda costumam ver a riqueza como um privilégio de doutores e não de classe social ou de cor. Por isso valorizam demais o diploma e querem muito que seus filhos continuem estudando".

Segundo a professora, uma das preocupações atuais do Grupo é a de garantir a permanência da criança negra na escola, pois hoje suspeita-se que seja muito elevado o número de crianças afastadas do ensino. Um fenômeno que apenas em parte pode ser atribuído a questões econômicas. Trata-se de um problema de coerência. Embora não possa ser provado, parece óbvio que uma família que valoriza tanto o diploma deve também impor maior resistência ao abandono da escola por parte de seus filhos.

Retenção e evasão

Não existem informações atualizadas e precisas sobre o desempenho de alunos negros nas escolas, mas um trabalho pioneiro da Fundação Carlos Chagas, coordenado pela pesquisadora Fúlvio Rosemberg, realizado sobre dados do Censo de 1980 e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (1982) permite a visão de algumas características da clientela negra na rede pública do Estado de São Paulo.

Os indicadores mostram em média um baixo rendimento dos alunos negros, mesmo quando comparados a crianças brancas saídas do mesmo classe social. Em

1982, apenas 59,4% das crianças negras matriculadas na 1ª série do 1º Grau obtiveram aprovação. Entre as crianças brancas, esse número subia para 71,4%. No mesmo ano, os dados mostram que uma em cada 10 crianças negras que frequentavam a 3ª série no ano anterior não foram promovidas para a 4ª série. Enquanto isso, a reprovação atingia só uma em cada vinte crianças brancas.

Se nos primeiros séries as diferenças no desempenho não são muito pronunciadas, parece que a tendência dessa defasagem é aumentar à medida em que os alunos avançam na escala escolar e na idade. Num análise dos estudantes que não apresentavam atraso em sua carreira escolar, os pesquisadores do Carlos Chagas perceberam que na faixa de 7 a 9 anos os elementos brancos representavam 67,6% e os negros 50%. Já na faixa de 15 a 17 anos, ambos os desempenhos caíram bruscamente, porém a diferença aumentava: as crianças brancas ficavam com 27,7% e as negras participavam com apenas 8,1%.

A mesma amostragem comprovou um alto grau de instabilidade na vida escolar da população negra. Ainda em 1982, cerca de 54% das crianças negras matriculadas na 2ª série não haviam frequentado a escola no ano de 1981. Uma constatação que aponta na direção de problemas que levam à interrupção constante na vida escolar desses alunos, mas que também reforça a tese de que são alunos persistentes e que retornam à escola sempre que possível, em busca do sonhado diploma.

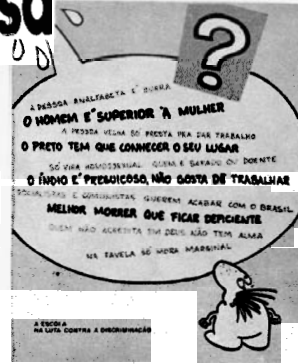
Sem identidade

Quais fatores explicariam tal diferença de desempenho? A resposta a essa pergunta parece depender da aceitação de alguns fatos. A maioria da população negra brasileira pertence às camadas mais humildes, o que por fim significa morar preferencialmente nas regiões periféricas das cidades, locais deficientes em equipamentos públicos, como as escolas, e onde estas funcionam sempre com superlotação, provocando uma queda do nível de ensino, assim como a diminuição do número de aulas oferecidas. Junta-se a isso dificuldades financeiras para o compra de material didático e a entrada precária no mercado de trabalho e estará construído o cenário perfeito para uma história monótona de repetência e evasão escolar.

Para Rachel de Oliveira, também membro do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, a criança negra ainda sofre uma pressão psicológica dentro da escola que torna o ato de estudar uma tarefa dolorosa. Isso acontece, segundo a professora, porque o racismo e a negação do valor da raça e cultura negras está presente no currículo escolar, nos livros didáticos e no comportamento de seus mestres e colegas de classe.

A criança negra não vê sua gente refletida de forma positiva na história passada do Brasil e nem nos fatos e personagens conhecidos de hoje. Um problema que é reforçado pela atuação dos meios de comunicação. "A escola diz que todos são iguais, mas a criança percebe que os professores, o diretor, os heróis da história e os presidentes da república são sempre brancos", destaca a professora Rachel.

O pacto de silêncio em torno da discriminação racial na escola só é rompido em certos momentos. O preconceito, às vezes, aparece nas pequenas discussões com colegas ou nos instantes de raiva dos professores. Mais tarde, ele também apare-



cerá na disputa por uma vaga no mercado de trabalho ou mesmo no salário recebido. Pesquisas mostram que o negro no Brasil recebe salários em média inferiores aos pagos a brancos com o mesmo escolaridade. Quando se vê discriminado, essa pessoa vê desmoronar os sonhos de igualdade via diploma.

Para as crianças, a convivência com os problemas causados pelo preconceito é muito difícil. Rachel de Oliveira destaca um

dos prejuízos trazidos por esse contato inesperado com a discriminação: "A criança aprende que ser negro é feio, que o negro é ruim ou vagabundo. Ela pode acabar introjetando, esses valores e passa a negar sua cultura. Acredita que qualquer esforço para progredir será à toa ou então acha que para tornar-se uma pessoa digna precisa assumir os valores brancos e provar isso a todo o instante".

Trabalhando na rede pública municipal, Rachel de Oliveira pode testemunhar sobre duas faces do preconceito: a discriminação curricular e ideológica do alunado e o espanto e mal-estar causados pela presença de uma professora negra dentro da sala de aula. Nesse último aspecto, sentiu de perto a decepção de pais e alunos ao encontrá-la, principalmente nas séries iniciais do 1º Grau. Já entre os jovens do 2º Grau, Rachel afirma que o problema sempre foi amenizado pela possibilidade de um diálogo mais aberto. "Mas a relação com os alunos negros foi sempre mais raiivhosa. Dá para notar que eles ficam mais soltos, se identificam e, muitas vezes, me procuravam para conversar".

Uma cartilha contra a discriminação

Na própria Secretaria da Educação existe um outro grupo interessado no combate às variadas formas de preconceito. É a Comissão Contra a Discriminação, criada em 1986 e que procura atuar na rede promovendo atividades e debates que levem à reflexão sobre o tratamento dispensado aos diversos grupos que por algum motivo são colocados à margem da vida social.

Nascida após a realização de duas discussões na rede sobre a discriminação da mulher e do negro, a Comissão resolveu centrar sua atuação sobre esses dois campos e ainda sobre a questão indígena, dos deficientes e, mais recentemente, o da integração do idoso. Para realizar um trabalho que pudesse melhor representar os interesses dos grupos marginalizados, a Comissão foi formada com integrantes da Secretaria e de entidades da sociedade civil e das Conselhos Estaduais criados dentro do governo Montoro para representar tais grupos.

O primeiro trabalho conjunto da Comissão foi a preparo de uma cartilha abordando o problema da discriminação social dentro e fora da escola. Essa publicação pode servir à discussão entre professores ou mesmo como material para uso na sala de aula. A cartilha ficou pronta em outubro passado, mas seu uso não será obrigatório nas escolas públicas no atual ano letivo. A Comissão havia estimado a circulação de 200 mil exemplares, porém foram rodados apenas 25 mil. A distribuição é feita nas escolas e Delegacias de Ensino que demonstrarem interesse em utilizá-las. Para divulgar a existência do material, a Comissão faz visitas e escreve às Delegacias.

Apesar desse baixo poder de fogo, os integrantes da Comissão consideram positivos os resultados obtidos até agora. Uma análise que é baseada na quantidade e qualidade dos relatórios de atividades desenvolvidas pelas escolas. A professora Sílvia Corvalho Correa, membro da

Comissão, acredita que sua tarefa seja necessariamente lenta, buscando primeiro o apoio de simpatizantes dentro da rede para, a médio e longo prazo, conseguir mudar a postura de alunos, professores e principalmente, dos participantes dos cursos de magistério, responsáveis pela formação dos futuros profissionais.

Ela lembra que o objetivo da Comissão é abrir a discussão sobre os temas ligados à discriminação. Um caminho que já apresenta histórias de fracassos e sucessos. "Às vezes o material enviado nem chego às escolas. O ser diferente ainda é visto com certa desconfiança e fica mais fácil mudar a lado consciente das pessoas do que suas atitudes inconscientes. Mas também é muito gratificante quando alguma escola nos escrevem agradecendo o trabalho porque lhes deu a oportunidade de enxergar uma realidade que antes eles não viam", diz Sílvia Correa.

A Comissão Contra a Discriminação funciona, na verdade, como um executor junto à rede dos projetos e propostas dos grupos e entidades a ela associados, como o próprio Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-brasileiros. Seus períodos mais intensos de atuação ocorrem na proximidade de tradicionais datas comemorativas como a Semana do Índio, o Dia Internacional da Mulher ou o 13 de Maio.

A presença da discriminação no interior da escola e no próprio material didático, outras das preocupações da Comissão. Qualquer denúncia sobre discriminação por parte de diretores ou professores é imediatamente encaminhada para a equipe não tem nenhum poder de fiscalização, tentando agir mais como um elemento conciliador.

Luiz Carlos Lopes é jornalista em São Paulo.

MULHERIO



Lançado em março de 81, **Mulherio** é um dos raros veículos da Imprensa Alternativa que sobrevive ainda hoje, mantendo a polêmica dos fatos através da perspectiva feminina, discutindo das novas teorias científicas à sexualidade, da ecologia ao trabalho doméstico.

LEIA



DIVULGUE

A independência editorial do **Mulherio** ajuda o jornal a dar impulso às causas progressistas. Divulgar esse tipo de publicação é ampliar a conscientização e fixar a imagem das mulheres reais, invisíveis na grande imprensa.

A maioria das escritoras, jornalistas, políticas e professoras que ajudam a influenciar a formação da opinião pública brasileira são assinantes do **Mulherio**. São consumidoras diferenciadas com independência para fazer suas opções por marcas e produtos.

ANUNCIE

ASSINE

Nem todas as livrarias e bancas do país recebem **Mulherio**. Assinando, você garante seu exemplar todo mês e ainda faz economia sem depender de nenhum congelamento.

mulherio
fev. 88

Válido até 29.02.88

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: _____

Endereço: _____

Cep: _____ Cidade _____ Est. _____

Data Nascimento _____ Sexo _____ DDD: _____

Telefone: _____ Profissão: _____

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações **Mulherio** para assinatura correspondente a 6 n°s do jornal. Cz\$ 420,00 - América Latina US\$ 18,00 — Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?

Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI
SUA ETIQUETA DE
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo - SP, fone (011) 212-9052

INTERNACIONAL

Michel Foucault foi o mais famoso filósofo contemporâneo francês, morto aos 57 anos, em 84, pela Aids. Seu ousado sistema de pensamento analítico, conhecido como estruturalismo, fez dele uma figura cult entre os estudantes e intelectuais dos Estados Unidos e da Europa. Foucault também era conhecido por suas opiniões declaradas sobre os direitos dos gays, não fazendo segredo de sua própria orientação sexual. Sua *História da Sexualidade*

idk nas

A última entrevista de Michel Foucault

Alexander Wilson e Bob Gallagher

Michel Foucault foi historiador, filósofo, crítico e teórico da sociedade. Foi professor da história dos sistemas de pensamento no College de France em Paris e também lecionou nos Estados Unidos, em Berkeley.

Talvez a *História da Sexualidade* seja o trabalho mais arrasador de Foucault. O livro fundamentalmente desafia as aceitas explicações freudianas da sexualidade. Para Foucault, a sexualidade não é uma energia instintiva que é reprimida com ou sem sucesso. A era Vitoriana, por exemplo, ao contrário da sabedoria convencional, não deve ser entendida como de negação sexual ou silêncio. Na verdade, o oposto estava ocorrendo: havia uma explosão da curiosidade e da discussão sobre sexo.

Mais importante, Foucault discute nessa explosão do discurso sobre o sexo a real criação da "sexualidade". Vimos a entender a sexualidade como uma área distinta do comportamento humano cuja natureza e leis de desenvolvimento estão para ser cientificamente reveladas. Foucault, no entanto, vê a sexualidade como uma categoria que foi esculpida, isolada, dada um significado e feita secreta. Desta forma, torna-se um meio de organizar e dar sentido a várias atividades e potenciais dentro da sociedade humana. A sexualidade não é tanto a expressão da "essência do nosso ser" quanto a criação de nossa história e nosso entendimento do mundo.

O trabalho de Foucault na história da sexualidade proporcionou uma nova compreensão do que entendemos por "história gay" e proporcionou uma plataforma teórica para o trabalho inovador de historiadores como Jeffrey Weeks, John D'Emilio, Jonathan Katz e Allan Berube.

O entendimento de Foucault da história como a construção e o desenvolvimento de discursos se estendeu muito além dos domínios da sexualidade. Seu trabalho como um todo apresenta uma crítica e al-

ternativas para análise social e história tradicional, provavelmente melhor formulada no seu *A Ordem das Coisas* (1970). A História, ele diz, deve ser escrita não de uma perspectiva essencialista — usando uma causa explanatória unificada, como "patriarcado" ou "luta de classes" — mas através de uma análise direta de como as pessoas realmente constroem e falam sobre sua vida cotidiana. Tal método pode ser usado em todas as áreas da análise social. Em *Loucura e Civilização* (1965), por exemplo, Foucault examina o desenvolvimento do conceito de loucura através do exame da história das instituições mentais. Ele faz o mesmo para a Medicina em *O Nascimento da Clínica* (1973). *Disciplina e Punição* (1977), uma história das prisões, examina não apenas a história das técnicas de controle mas a história do próprio corpo como algo que a sociedade disciplina.

O que tudo isso tem a ver com política sexual ou homossexual? Foucault afirma que nossa sexualidade é algo que fazemos em nossa experimentação diária com sexo e prazer. Logo, homossexualidade é a criação histórica desenvolvida depois do século XIX através da complexa interação entre as práticas eróticas dos indivíduos e a regulação sexual, controle, conhecimento e rotulação "científicos" (via instituições médicas, religiosas e legais). Para os homossexuais, isso se traduz num entendimento da homossexualidade não como uma predisposição psicológica ou biológica (mera representação dos impulsos sexuais e papéis de gêneros programados) mas como relacionamento para práticas sexuais e formas de prazer. Isto significa que não se pode tomar como privilégio a identidade gay, a comunidade gay ou uma política gay unificada. Questões de liberdade sexual e política não mais encontram respostas fáceis baseadas na permissão desses tipos psicológicos ou biológicos expressarem suas orientações "naturais" (ou devemos dizer "não-naturais"). O pensamento de Foucault desafia uma estratégia política inteira já localizada dentro do movimento gay.

Você sugere em seu trabalho que a liberação sexual não é tanto a revelação de verdades secretas sobre alguém ou seus desejos quanto é uma parte do processo definidor e construtor do desejo. Quais são as implicações práticas desta distinção?

Foucault: O que eu quis dizer era que eu acho que o movimento gay precisa agora de muito mais "arte de vida" do que de uma ciência ou de um conhecimento científico (ou pseudo conhecimento científico) sobre o que a sexualidade é. A sexualidade é uma parte do nosso comportamento. É uma parte da nossa liberdade mundial. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos — é nossa própria criação, e muito mais do que a descoberta de um lado secreto de nosso desejo. Temos que entender que, com nossos desejos, através deles, vêm novas formas de relacionamentos, novas formas de amor, novas formas de criação. Sexo não é uma fatalidade; é uma possibilidade de vida criativa.

É exatamente aí que você chega quando sugere que os gays devem tentar se tornar gays — não apenas realizarem-se como gays.

Foucault: Exatamente. Não temos que descobrir que somos homossexuais.

O que isso significa?

Foucault: Temos de criar uma vida gay. Tornar-se.

É isso é algo sem limites?

Foucault: Sim, Acho que quando você olha para as diferentes maneiras como as pessoas experimentaram suas liberdades sexuais — a maneira como criaram sua obra de arte — você teria de dizer que a sexualidade, como a conhecemos, tornou-se uma das mais criativas fontes de nossa sociedade e de nosso ser. Minha visão é de que devemos entender da maneira inversa: o mundo considera a sexualidade como um segredo da vida cultural por debaixo do plano das nossas escolhas sexuais.

Falando em termos práticos, um dos efeitos de tentar revelar aquele segredo significou que

o movimento gay permaneceu no nível da demanda de direitos civis ou humanos em torno da sexualidade. Isto é, a liberação sexual permaneceu no nível da demanda de tolerância sexual.

Foucault: Sim, mas este aspecto tem de ser suscitado. É importante, primeiro, ter a possibilidade — e o direito — de escolher sua própria sexualidade. Os direitos humanos no que diz respeito à sexualidade são importantes e ainda não respeitados em muitos lugares. Não devemos considerar que tais problemas estão resolvidos agora. É bem verdade que houve um real processo de liberação no começo dos anos 70. Este processo foi muito bom, em termos de situação e de opiniões, mas a situação não foi definitivamente estabilizada. Acho que ainda temos que dar um passo adiante. Acho que um dos fatores dessa estabilização será a criação de novas formas de vida, relacionamentos, amizades na sociedade, arte, cultura e assim por diante, através de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas.

Muito disso soa como, por exemplo, o que o movimento de mulheres fez, tentando estabelecer sua própria linguagem e sua própria cultura.

Foucault: Não estou muito certo de que temos que criar nossa própria cultura. Temos que criar cultura. Temos que perceber criações culturais. Mas, fazendo isso, aparecemos com o problema da identidade. Não sei o que faríamos para formar essas criações, e que formas elas tomariam. Por exemplo, não estou totalmente certo de que a melhor forma de criação literária dos gays são os romances gays.

De fato, isso se basearia num essencialismo que é preciso evitar.

Foucault: É verdade. O que queremos dizer, por exemplo, com "pintura gay"? Estou certo de que do ponto de partida de nossas escolhas sexuais, do ponto de partida de nossas escolhas éticas, podemos criar algo que terá uma certa relação com o homossexualismo. Mas não deve ser uma tradição do homossexualismo no campo da música ou pintura, pois não acredita que isso possa acontecer.

de prazer

"Sexo não é uma fatalidade; é uma possibilidade de vida criativa"



Como você vê a enorme proliferação nos últimos 10 ou 15 anos da sensualização de partes negligenciadas do corpo e a articulação de novos prazeres? Estou pensando, obviamente, nos aspectos salientes do que é chamado de gueto — filme pornô, clubes para sado-masochismo ou voyeurismo e daí para frente. É isso meramente uma extensão para uma outra esfera da proliferação geral dos discursos sexuais desde o séc. XIX ou você vê outros tipos de desenvolvimento que são peculiares deste contexto histórico presente?

Foucault — Acho que queremos falar precisamente das inovações que essas práticas implementaram. Por exemplo, olhe para a subcultura sado-masochista. Não acho que esse movimento de práticas sexuais tenha nada a ver com a abertura ou a revelação das tendências sado-masochistas bem no fundo do nosso inconsciente e assim por diante. Acho que o sado-masochismo é muito mais que isso; é a criação real de novas possibilidades de prazer, das quais as pessoas não tinham nenhuma idéia anteriormente. A idéia de que o sado-masochismo está ligado a uma profunda violência, de que a prática do sado-masochismo é um meio de liberar essa violência, essa agressão, é estúpida. Sabemos muito bem que o que essas pessoas estão fazendo não é agressivo; elas estão inventando novas possibilidades de prazer com partes estranhas de seu corpo — através da erotização do corpo. Acho que é um tipo de criação, uma empresa criativa, que tem como um de seus maiores destaques o que chamo de dessexualização do prazer. A idéia de que o prazer corporal deve sempre vir do prazer sexual, e a idéia de que o prazer sexual é a raiz de todo o prazer possível — acho que isso é algo muito errado. Essas práticas estão insinuando em que podemos produzir prazer com coisas muito estranhas, partes muito estranhas de nossos corpos, em situações bastante incomuns etc.

Então, a sedimentação entre prazer e sexo está sendo destruída.

Foucault — Precisamente isso. A possibilidade de usar nossos corpos como fonte de inúmeros prazeres é algo muito importante. Por exemplo, se você olha para a construção tradicional do prazer, você vê que o prazer corporal, ou os prazeres da carne, são sempre beber, comer e "trepar". E este parece ser o limite do entendimento de nosso corpo, nossos prazeres. O que me frustra, por exemplo, é o fato de que o problema das drogas é sempre tratado como um problema de liberdade e proibição. Acho que as drogas devem se tornar uma parte de nossa cultura.

Como um prazer?

Foucault — Como um prazer. Temos que estudar as drogas. Temos que experimentar as drogas. Temos que fazer boas drogas — que podem produzir um prazer muito intenso. Acho que esse puritanismo sobre drogas, que implica que você pode ser contra ou a favor das drogas, está errado. As drogas se tornaram uma parte de nossa cultura. Como há boa música e má música, há boas drogas e más drogas. Então não podemos dizer que somos contra drogas mais do que podemos dizer que somos contra má música.

O ponto é experimentar prazer com suas possibilidades.

Foucault — Sim. O prazer também tem que ser uma parte da cultura. É muito interessante notar, por exemplo, que por séculos as pessoas geralmente, assim como médicos, psiquiatras e até movimentos de liberação, sempre falaram sobre desejo, e nunca sobre prazer. "Temos que liberar nosso desejo", eles

dizem. Não! Temos que criar novo prazer. E então talvez o desejo venha depois.

Isto é significativo de que os gays são identidades que se formam em torno de novas práticas sexuais como o sado-masochismo? Essas identidades ajudam a explorar tais práticas e defender o direito de se engajar nelas. Mas elas também estão limitando em termos de possibilidades para indivíduos?

Foucault — Bem, se a identidade é apenas um jogo, se é apenas um procedimento para ter relações, de prazer sexual e social para criar novas amizades, é útil. Mas se a identidade se torna um problema da existência sexual, e se as pessoas acham que devem revelar sua própria identidade, e que sua própria identidade se tornou uma lei, o princípio, o código de sua existência, se a questão perene que elas perguntam é "Isto está de acordo com minha identidade?" então, eu acho, elas vão voltar para um tipo de ética muito próxima à velha virilidade heterossexual. Se nos pedem para relatar a questão da identidade, deve ser uma identidade para cada um de nós somente.

Mas, até este ponto, a identidade sexual tem sido muito útil politicamente.

Foucault — Tem sido muito útil, mas nos limita e acho que temos o direito de ser livre.

Algumas práticas sexuais podem ser de resistência num sentido político e social. Como isto é possível, dado que aquele controle pode ser exercido pela estimulação do prazer? Podemos estar certos de que esses novos prazeres não serão explorados como a propaganda usa a estimulação do prazer como um meio de controle social?

Foucault — Nunca podemos ter certeza. De fato, temos sempre que estar certos de que irá acontecer, e de que tudo o que foi criado ou adquirido, qualquer terreno que tenha sido ganho será, num certo momento, utilizado dessa forma. É assim que vivemos, é assim que lutamos, este é o caminho da história humana. E não acho que seja uma objeção para todos esses movimentos ou todas essas situações. Mas você está muito certo em sublinhar que temos sempre que ser cuidadosos e cientes do fato de que temos que mudar para algo mais, de que temos também outras necessidades. O gueto sado-masochista de São Francisco (EUA) é um bom exemplo de uma comunidade que experimentou e formou uma identidade em torno do prazer. Essa formação de gueto, essa identificação, esse procedimento de exclusão e assim por diante, tudo isso também produziu seus efeitos colaterais. Não ouse usar a palavra dialética — mais isto chega bem perto.

Você escreve que o poder não é apenas uma força negativa, mas produtiva; que o poder está sempre presente; que onde há poder há resistência, e que a resistência nunca está numa posição de externalidade frente ao poder. Se isto é verdade, então como chegaremos a outra conclusão quando estamos sempre presos dentro desse relacionamento?

Foucault — Não acho que a palavra preso é boa. É uma luta, mas o que quero dizer com as ações de poder é o fato de que estamos numa situação estratégica em relação uns aos outros. Por exemplo, os homossexuais estão numa luta com o governo e o governo em luta com o Parlamento. E a luta com o governo a luta, claro, não é simétrica a situação de poder não é a mesma — mas estamos nesta luta juntos — e mais forte que o outro e a contensão desta situação pode protelar o comportamento e pode influenciar o comportamento ou o não-comportamento do outro. Então não estamos presos. Estamos sempre neste tipo de situação. Significa que sempre temos possibilidades, sempre há possibilidades de se mudar a situação. Não podemos pular fora da situação, não há nenhum ponto onde você esteja livre de todas as relações de poder. Mas você pode sempre mudar. Então o que eu disse não significa que estamos sempre presos, mas que estamos sempre livres. Bom de que a quem maneira o que é sempre a possibilidade de mudança.

A resistência vem de dentro dessa dinâmica? Foucault — Veja se não fosse resistência, não há a relação de poder. Porém, se a resistência não está fazendo o que quer. Então a resistência vem primeiro e a resistência permanece apesar das forças do processo as relações de poder são obrigadas a mudar com a resistência. Então eu penso que a resistência é a palavra principal a dar a chave nesta dinâmica.

Politicamente falando, a parte mais importante de olhar para o poder provavelmente é que, de acordo com concepções anteriores, resistir era simplesmente dizer não. A resistência era conceitualizada apenas em termos de negação. Dentro do seu entendimento, no entanto, resistir não é simplesmente uma negação, mas um processo criativo: criar e recriar, mudar a situação, ser um membro ativo do processo.

Foucault — Sim. E assim que eu diria. Dizer não é a forma mínima de resistência. Mas é claro, tem outras em que é essencialmente importante. Você tem que dizer não como uma forma de resistência.

Isto levanta a questão de como, de que maneira, e como que intensidade, pode um sujeito dominado criar seu próprio discurso. Na análise tradicional do poder, a feição onipresente da análise é o discurso dominante, e apenas como subsidiária há reações contra, ou dentro, aquele discurso. No entanto, se o que queremos dizer com resistência nas relações de poder é mais do que negação, então não são algumas práticas, como o sado-masochismo iésbico, na verdade meios de sujeitos dominados formularem suas próprias linguagens?

Foucault — Acrescento que a resistência é uma parte dessa relação estratégica em que o poder consiste. A resistência sempre se apoia na situação contra a qual luta. Por exemplo, no movimento gay a definição médica de homossexualidade era um instrumento importante contra a opressão da homossexualidade no final do século XIX e no começo do século XX. Essa medicalização, que era um meio de opressão, sempre foi também um meio de resistência — a partir do momento em que as pessoas podiam dizer "Se estamos doentes, então por que vocês nos condenam por quê e vocês nos desprezam?" e assim por diante. E claro agora esse discurso soa ingênuo. Também é a que acho que no movimento esboço o fato de que as mulheres foram por séculos e seculos isoladas na sociedade, frustradas, desprezadas de muitas maneiras etc. Mas de um real possibilidade de construir uma sociedade, criar um tipo de relação social entre elas fora do mundo social dominado pelos homens.

Você mencionou numa entrevista que o que mais entristece as pessoas em relação às relações gay não são tanto os atos sexuais em si, mas o potencial para relações afetivas que é levado para fora dos padrões normais. Essas amizades e redes são imprevisíveis. Você acha que o que amedronta as pessoas e o potencial desconhecido para relações gay, ou você sugeriria que essas relações são vistas como colocando uma ameaça direta às instituições sociais?

Foucault — Não acho que esse seja o problema. O problema da amizade, e o problema da amizade era muito importante de relação social — mas a relação social dentro da qual as pessoas tinham uma certa verdade — um certo tipo de escolha — feito, e é claro tanto quanto as relações econômicas e sociais para essas relações — e as eram obrigadas a lidar com essas coisas. Acho que nos séculos XV e XVI vemos esses tipos de amizade desaparecendo, pelo menos na sociedade masculina. E a amizade começa a se tornar algo que não é isso. Você pode encontrar a partir do século XV textos que explicitamente criam a amizade como algo que se dá às Forças Armadas, a burocracia, a administração, as universidades, os escos etc. — no sentido moderno destas palavras — não podem funcionar com amizades tão intensas. Acho que pode ser a situação tentada, mas, to forte em todas essas instituições para o mundo, o mundo, as relações afetivas. Acho que isso é parte importante em escos. Quando começaram escos com centenas de jovens garotos — um dos problemas era evitar não apenas o que é mesmo sexo e é claro mas que desenvolvessem amizades. Por exemplo, você poderia estabelecer a estratégia das instituições de Jesus, suas sobre esse tema da amizade, desde que os Jesus não são muito bem que era impossível superar isso. Ao contrário, e esse começamos a usar o papel do sexo do amor, da amizade e ao mesmo tempo, a amizade. Acho que agora depois de estabelecer a história do sexo deveríamos tentar entender a história do amor, das amizades. Essa história é muito, muito importante. E uma de muitas possibilidades, que eu acho que será tolerada se fizermos isso, é que a homossexualidade se tornou um problema — isto é o sexo entre homens se tornou um problema — no século XVI. Vemos seu surgimento como um problema com a partir de dentro do sistema, o diário, e assim por diante. Acho que a razão pela qual aparece como um problema, uma questão social nessa época, é porque a amizade tinha desaparecido. Então a amizade era a parte importante — era socialmente aceita, ninguém percebia que os homens tinham sexo juntos — você não podia dizer que os homens não tinham sexo juntos — e que apenas não importava. Não tinha nenhuma implicação social — culturalmente aceita. Se eles trepassem o, se de avam não tinha importância. Absolutamente nenhuma. Uma vez que a amizade desapareceu, encamamos uma relação culturalmente aceita se evitou a questão. O que acontece entre os homens? E é aí que o problema aparece. E se os homens têm sexo juntos, isso agora aparece como um problema. Bem, tenho certeza de que estou certo, o desaparecimento da amizade enquanto uma relação social a deterioração da homossexualidade como um problema social e a criação do mesmo processo.



Traição de Paula Mageste

Uma Jocasta, freudiana por excelência

Marina Heck

O fim de ano no Brasil foi marcado pelo surrealismo das expectativas do povo para o início de 88. O fato de passarmos de 87 para 88 ainda sem Constituinte, sem Ministro da Fazenda, sem nenhum dos grandes problemas de 87 resolvidos e sem sequer perspectivas de solução não parece ter inquietado o povo brasileiro. A grande expectativa de fim de ano foi, sem dúvida, o beijo de Édipo e Jocasta.

O incesto tornou-se a grande polêmica da mídia e as discussões em torno do beijo e de sua provável censura conseguiram mudar o curso das preocupações da classe média.

As pesquisas de opinião rastream que o público quer ver o beijo, embora a mãe verdadeira do ator Felipe Camargo, Dona Corina, tenha se pronunciado contra. Um parâmetro significativo, pois serviu como lembrete para que os meros avisados não se esquecessem que isto é "novela de televisão" — a verdadeira mãe do Édipo não o beija no boca. A Globo, entretanto, seguiu obedientemente a vontade da maioria e brincou o ano de 88 com o capítulo-bomba de Mandala: o beijo.

É intrigante a insistência com que o incesto vinha sendo retratado pela mídia, mas agora sem dúvida passou a ser um problema muito sério. A novela *O Outro*, que teria servido como marketing para *Mandala*, jogou o incesto no meio da narrativa, sem estabelecermos com beijos em profusão entre o pai que era o outro e a filha que não sabia quem era seu pai. Um "incesto" que o público, entretanto, sabia que não era.

Já em *Mandala* o público sabe que é. Isto por que achamos que embora a novela de Dias Gomes tenha a pretensão de ser baseada na mitologia grega, vem cada vez mais se afastando da tragédia. A telenovela cria uma grande confusão entre a mitologia grega e a psicanálise freudiana. O Édipo não tinha complexo, já estava casado com Jocasta há tempos quando soube a procura de sua identidade. Por outro lado, Jocasta era uma mulher fanática que compactua com Laró em busca do poder, que

Camargo interpreta um personagem edipiano no sentido freudiano⁽¹⁾, e sua relação com Vera Fischer é totalmente permeada do complexo de Édipo sem que ele nem mesmo desconfie que ela é sua mãe.

Nessa grande confusão de conceitos, a Globo se encontra agora com uma "bomba" nas mãos, pois quer queira quer não vai ter de tratar do tema do incesto. Um tema que gerou um grande debate ético-moral seguido pela imprensa escrita e que dá uma outra dimensão à problemática do incesto.

Conforme foi descoberto por Freud, a interdição do incesto é absolutamente fundamental, pois é através da renúncia ao incesto que é criada a cultura. A permissão do incesto é insuportável, pois significa a ausência total de qualquer simbolismo e o caos.

A Globo está decididamente "num moto sem co' choro", *faz mexer num assunto em que corre o perigo de perder o fio da meada se continuar seguindo os meandros complicados dos pesquisas de opinião adicionados às imposições da censura*. A novela corre o risco de virar uma melodiama piegas e pretenciosa.

A sociedade de consumo desenvolvida avança dando um *new look* aos valores tradicionais, ao mesmo tempo que recupera novos valores, criando assim canais por onde a cultura pode se desenvolver. No Brasil, esse avanço é selvagem e irracional, causando a obstrução simples dos canais através dos quais o nível simbólico dos indivíduos pode vir à tona. As ideologias, através dos partidos políticos, das religiões e até mesmo dos movimentos alternativos não conseguem ser canal de expressão dos ansiedades individuais. A família, ou seja, os grupos doméstico-afetivos, representam hoje a última instituição onde o indivíduo tem voz, o último refúgio de efervescência cultural. O canal de uma revolução cultural e de modos de vida passa certamente por uma revolução do cotidiano e das relações afetivas e familiares. É eis que agora esta instituição é vitalmente colocada em questão. A sociedade de consumo na sua voracidade parece tentar transformar as leis de preservação do grupo sócio-cultural. O risco que existe é, em expondo pela primeira vez algo de muito familiar e muito íntimo



Vera Fischer

como o incesto, os espectadores ficaram sem vida interior. Embora seja um sentimento universal, o incesto quando descoberto é chocante porque o indivíduo perde a sua interioridade, e é dramático porque esvazia o indivíduo de conteúdo simbólico.

Entretanto, analisando mais de perto a novela *Mandala* verificamos que o grande impecado é que nesta história, à diferença do mito grego, não deu o salto no tempo e ficou com o tarefa ingrato de tratar do namoro do filho com a mãe. Nesse momento a novela vem banalizar a tragédia, banalizar o Édipo e, portanto, a vida interior das pessoas. Isso é insuportável. Ainda por cima, os atores embora ignorem suas identidades, já estão representando mãe e filho. Nesse sentido, Vera Fischer está interpretando a Jocasta freudiana por excelência, deixando aquela filha expectante, suplicando o seu amor, um verdadeiro Édipo — "aquele cujas pés não podem caminhar".

A saída para o impecado da Globo poderá estar, entretanto, na diferença fundamental que há entre o mito grego e o mito brasileiro. Isto é, na tragédia grega quem faz o investigação sobre a sua identidade é o próprio Édipo, enquanto que no mito brasileiro quem sai à procura de seu filho. Esse aspecto temático da Jocasta-Vera Fischer a distância frontalmen-

te da Jocasta do trágico, que em certo momento desconfia da verdade e reage interferindo para impedir a Édipo que interrompa suas investigações. É esse personagem que procura desesperadamente seu filho agrada bem mais ao público e poderá até mesmo ser identificado com uma das mães argentinas denominadas "Loucas da Praça de Maio" — as mulheres que perderam seus filhos durante o período da ditadura. Uma Jocasta que abandona o sucesso profissional quando percebe o risco que o grupo corre de perder sua interioridade. Uma Jocasta que vai à luta para descobrir a verdade e corrige preservar a interdição do incesto e, portanto do nível simbólico dos indivíduos.

Marina Heck é socióloga-urbanista.

* Com a colaboração de Sônia Azambuja, psicanalista

(1) Complexo de Édipo: Para a Psicanálise, o primeiro objetivo de amor de criança é a mãe. Com o crescimento e desenvolvimento mental, outros objetos vão sendo investidos desse sentimento amoroso. O neurótico edipiano é aquele que não conseguiu substituir o seu primeiro objeto de amor.

14
mulheria



Isabel Vasconcelos

É lamentável que, num País onde cada vez mais a mulher é chamada a participar do processo produtivo (quantas famílias podem dispensar, do orçamento doméstico, a contribuição do salário de suas mulheres?) uma novela global, assistida por milhões de brasileiros e brasileiras, ainda não tenha no assunto da mulher, Fico, do outro lado da tela, mais que um objeto: será que uma militante do esquadrão das anãs se transformada em empresária, resignada a um segundo plano em sua vida esta situação empresarial?

Jocasta, vivida agora pelo deslumbrante Vera Fischer e, na primeira fase da novela, pela surpreendente Guila Gam, parece jamais ter renunciado às suas responsabilidades de empresária. A filha sempre menos importante do que o drama pessoal. Achar o filho roubado há mais de 25 anos é muito mais importante para Jocasta do que seu papel como mãe. É uma pirâmide de prioridades. Tão mais importante que Jocasta renunciar mesmo a ser informada sobre o andamento dos negócios, apenas porque está muito cansada e decepcionada com sua investigação

Tudo pela maternidade

sobre o filho perdido. E o que é pior: recusa-se a ser informada pelo irmão, que assumiu a presidência do grupo em sua ausência e em quem ela absolutamente não confia. Mesmo não confiando, ela "deixa para mais tarde" uma conversa com ele. Ou seja, Jocasta pouco se importa com o destino de seu negócio quando está ocupada com o problema pessoal.

Esta última frase parece resumir realmente o que se pensa, neste País, sobre a mulher e o trabalho. Parece que, de fato, as mulheres priorizam a família, a maternidade, o doméstico. *Primeiro a lar (afinal não são elas as rainhas-dólar?) depois o trabalho*. É por mentalidade como esta que a mulher brasileira realmente não encontra as tais condições de igualdade de oportunidades. Ainda criamos nossas filhas para centrarem toda a sua atenção na vida sentimental e doméstica. Como se fosse possível ter vida sentimental sem ter como sobreviver.

Jocasta, se existisse na realidade, seria, no mínimo, uma empresária horrivelmente irresponsável. Afinal que empresária confiaria seus negócios de publicidade a um garoto inexperiente que tem por curriculum apenas uma

modesta produtorazinha de vídeo em Brasília? Nem que ele fosse mesmo seu filho... Jocasta dá a Édipo um cargo de grande responsabilidade embora mal o conheça, apenas por "simpatizar" com ele. Um desastre. Mandala nada mais faz do que reforçar o mito da maternidade.

Certamente é válido supor que uma mulher, sofrendo o drama imposto à Jocasta, jamais desista de buscar pelo filho que lhe foi roubado. Vinte e tantos anos depois, porém, seria igualmente válido supor que esta mulher, mesmo traumatizada pela perda, tivesse desenvolvido outros interesses e prioridades na vida. Ainda mais sendo ela a responsável por um conglomerado de empresas. É a Rede Globo, de novo, nos tratando como semi-diotas.

Isabel Vasconcelos Diretora da Videomaker Produção Independente apresentadora do programa "Condição de Mulher", pela TV Gazeta, de 2ª a 6ª feira, às 7h55 e às 13h15.

Felipe Camargo

A ordem patriarcal é inabalável

Anésia Pacheco e Chaves

A *novela Mandala* está indo para o crejo, empurrada pela censura e pelo "tabu" milenar. Espanta a ingenuidade de seus produtores em não avaliar a complexidade do mito trágico gregos, sobre os quais se constituiu a cultura ocidental, e que, vindo a se transformar em ideologia em, de Sófocles a Freud/Lacan, garantido privilégios sócio/sexuais. E que, igualmente, segura as pontas do medo ancestral da morte, (vista como desordem) através da história de Édipo e Jocasta e sua todo poderosa proibição do incesto mãe/filho.

Instaurando uma "ordem" tranquilizadora, (embora imaginária), que encobre uma realidade antes apreendida como fragmentária, feita de forças múltiplas, contraditórias, indefinidas e amedrontadoras,

e um tempo de duração ressentido como sucessão descontínua e arbitrária de acontecimentos, a "proibição" oferece uma suposta proteção. Mas onde começamos a encontrar a "ordem", organizando a vida e esconjurando o medo? - Para o Ocidente é na primeira ruptura: masculino X feminino, definindo os papéis, separando as categorias e os grupos sociais, privilegiando o masculino enquanto transcendência, poder, força e ordem. A "ordem patriarcal" sobre a qual está montada toda a cultura do Ocidente, que, neste final de milênio está resultando na aniquilação da nossa circunstância natural e nas fálicas ogivas nucleares, ameaçando a sobrevivência dos habitantes da terra.

A mãe... Como fica explicitado em Lacan, e artisticamente colocado no filme de Bertolucci *La Luna*, a relação mãe X filho se dá sob o "influxo do feminino" a partir da divisão masculino X feminino, culturalmente es-



Na família Silveira, um caso de incesto?

tabelecida. O filho, pequeno, frágil e dependente, saído do ventre materno, não rompe facilmente a ligação com a mãe. Vive assim, longa e femininamente sua corporeidade e afetividade, de forma mais intuitiva, anárquica, instintiva, pré-ordem" à espera da "lei do pai/patriarcado" que o introduzirá na "sociedade organizada". Sem a "lei do pai", diz a ideologia, nada de cultura, transcendência e nem mesmo fa.a. A linguagem só surgir a como compensação ao complexo de castração, o grande medo patriarcal da perda do símbolo/totem de sua cultura, o falus. Através de realizações, ficaria atenuado o pavor da perda.

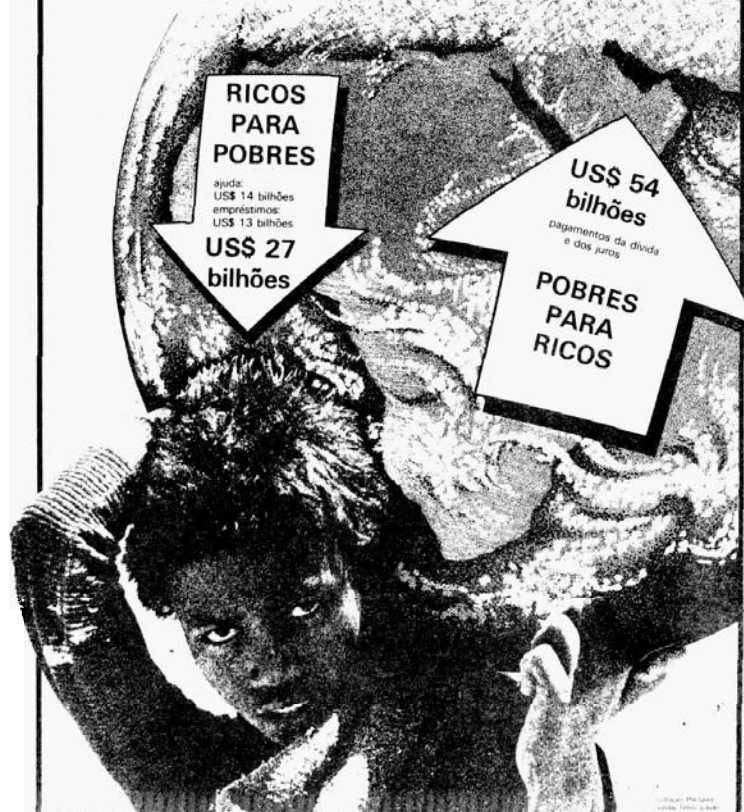
A relação mãe/filho, se emaranharia na fusão sexual, não se resolveria permitindo a união com o pai, básica na "ordem masculina/patriarcal", da qual depende esta sociedade. Mexer nisso kitchicizando a com-

plexidade da questão só poderia resultar num queque-mate. Todos: povo, classe média, classes A, B, C etc, de uma forma ou outra, mesmo sem nunca terem ouvido falar em mitos gregos e muito menos em Freud/Lacan e Cia., vivem sua existência organizada pelo molde que, dos confins do início da civilização patriarcal, vem dirigindo nosso destino. É possível modificar isso tudo? Certamente não através das simplificações da novela das 8 h... ou, ao contrário, só a TV desgastando tudo pela redundância e pelo lugar comum, será capaz de mudar as cabeças das "massas"? O incesto Édipo-Jocasta, toda noite no vídeo, já começa a parecer bastante inócuo e desinteressante...

Anésia Pacheco e Chaves é ensaísta e artista plástica

A inversão perversa

Em muitas nações, as crianças estão sem alimentos, cuidados de saúde ou possibilidade de escolarização, em consequência de uma situação financeira que não pode ser detectada pelas câmaras de televisão. Em 1981, a transferência líquida de recursos dos países ricos para os pobres superava 40 bilhões de dólares. Em 1985, este fluxo sofreu uma inversão perversa.



Fonte: Unicef
Apoio: Mulherio

Uma cineasta francesa em ritmo de Brasil

Helena da Rocha

A cineasta francesa **Ariel de Bicault** participou do último Fest Rio, concorrendo com um vídeo *Os Cariocas*, um dos segmentos da série para TV Francesa *Eclats Noir Du Samba* na competição oficial de programas de TV e Vídeo. Ariel nasceu em Paris, numa família burguesa. Seu pai é advogado e sua mãe funcionária pública. Ela é filha mais velha de uma família de cinco irmãos e a primeira pessoa que trabalha com "arte".

Mulherio - Como você começou a fazer cinema?

Ariel - O cinema aconteceu na minha vida nunca soube em ser diretora. Demorei muitos anos para me assumir como diretora só depois do terceiro filme que eu comecei a me sentir realmente diretora.

Mulherio - Por que é tão difícil se assumir como diretora?

Ariel - A criação está cada a ser mulher. Eu sempre achei difícil ser cineasta. Na França tem poucas diretoras mulheres. Há dez anos atrás só existia a Agnès Varda e a Yvonne Chateaufort, só de cinco anos para cá começaram a aparecer cineastas mulheres na França.

Mulherio - Quais as dificuldades que você enfrenta para ser cineasta?

Ariel - Eu tinha falta de confiança em mim. Não nasci no meio artístico e desejei ser atriz aos 15 anos. Em Paris de 1969 à 1975 eu trabalhei como atriz e como professora de teatro. Em 1975 fui para Portugal e deixei de ser atriz por causa da língua, comecei então a dar aulas de teatro por todo país. Fiz assistência de direção em teatro e depois trabalhei como assistente de produção e em montagem com amigos cineastas.

Mulherio - Qual foi o seu primeiro filme?

Ariel - O meu primeiro documentário foi so-

bre a luta das mulheres e os problemas familiares durante as greves nas fábricas e nas cooperativas, na época de movimentos populares em Portugal, após o 25 de Abril. O filme tem 45 minutos, é colorido, em 16 mm e não teve distribuição comercial.

Mulherio - E o segundo filme?

Ariel - **Eduardo e Fernando** é um documentário média metragem sobre duas crianças mongolosses. Em 16 mm cor 80 minutos produzido pela Fundação Gulbenkian e pela TV portuguesa.

Mulherio - Como foi a preparação desses filmes?

Ariel - Eu fiz uma pesquisa durante seis meses no ano de 1980, numa instituição e num seminário em Portugal. E o filme sobre a criança cega eu pesquisei no Centro Etnográfico. As filmagens foram feitas nas duas crianças nos anos de 1981 e 1982 com uma equipe reduzida de quatro pessoas.

Mulherio - Qual o seu quarto trabalho como cineasta?

Ariel - Em 1982 eu voltei para Paris e fiz um filme sobre o regresso dos imigrantes portugueses que retornam a Portugal. A filmagem foi em 1984 e 1985. O filme tem 20 minutos e foi produzido pela TF1 rede de televisão francesa.

Mulherio - Atualmente você tem uma produtora em Paris?

Ariel - Não, eu sempre fui uma cineasta independente. Na França, para se abrir uma produtora é preciso muito dinheiro. Eventualmente eu gostaria de produzir filmes de outras pessoas.

Mulherio - O que você acha do trabalho de produção?

Ariel - Eu acho que produzir é uma coisa muito pesada.

Mulherio - Como você trabalha nos seus projetos? Você tem uma roteirista?

Ariel - Eu sempre escrevo o roteiro e dirijo. Mas gostaria de dividir o roteiro com alguém.

Mulherio - Como você vê o trabalho de equipe no cinema?

Ariel - Eu acredito na especificidade das tarefas no cinema. Cada pessoa deve trabalhar na sua função. Eu me sinto mais segura nas minhas produções quando cada pessoa assume a sua função.

Mulherio - Quais foram as dificuldades que você sentiu para realizar o *Eclats Noir du Samba*?

Ariel - No filme que eu fiz, os quatro para TV foram uma continuidade. Eu acho que no documentário é preciso uma continuidade, se não não é interessante.

Mulherio - O que você faz para ganhar a vida entre um filme e outro na medida em que você sempre faz um trabalho de pesquisa que dura em torno de seis meses?

Ariel - Eu trabalho como ornadora organizada nas mostras na França e trabalho no jornal *Libération* e em Portugal no jornal *Expresso*.

Também trabalho no *Expresso* como correspondente. Mas agora eu não quero fazer nada mesmo que eu faça com pouco dinheiro eu não quero trabalhar mais em outras coisas. Minha família é de origem burguesa e ela me dá um apoio financeiro quando eu tenho problemas. Mas, com 18 anos eu já trabalhava como atriz.

Mulherio - Arê, por que você resolveu vir ao Brasil e fazer um trabalho sobre a música popular brasileira?

Ariel - Eu comecei a me interessar pela "negritude" no Brasil quando organizei a mostra de filmes "Racine Noir". Eu vim para o Brasil em agosto de 1984 para coincidir os filmes

com o tema negritude. E em março de 1985 fizemos a mostra em Paris. A mostra foi organizada junto com Catherine Arnaud e a Catherine Ruelle.

Mulherio - Soube que vocês convidaram o Grande Othello para participar da mostra em Paris, foi uma bonita homenagem a este grande artista.

Ariel - A idéia de convidar o Grande Othello partiu da Catherine Ruelle.

Mulherio - Então a partir da mostra de filmes sobre a negritude você resolveu fazer esta série para TV sobre músicos brasileiros negros?

Ariel - É verdade, eu queria abrir uma nova imagem do Brasil para a França. Mostrar a questão do espaço negro no País. É uma das exceções, como Zezé Motta. Grande Othello, Gilberto Gil e Paulo Moura.

Mulherio - Arê, por que você considera estes grandes artistas negros exceções?

Ariel - Porque os artistas negros famosos no Brasil são muito poucos. O primeiro negro que se tornou estrela foi o Grande Othello. Uma época onde não havia espaço para o ator negro nem no cinema nem no teatro.

Mulherio - Por que você escolheu o historiador Joel P. I. no para fazer sobre cultura negra?

Ariel - Eu gosto muito da vida de Joel P. I. no score a realidade brasileira. E tem uma vida cheia de nuances e é um trabalho tranquilo e não agressivo. E o trabalho brasileiro sobre o racismo no Brasil com a maior tranquilidade sem ser passivo.

Mulherio - Quem são os protagonistas do vídeo *Os Cariocas* inscrito no Fest Rio?

Ariel - Marilene da V. e Paulo Moura, o grupo F. N. do Quintal e a G. Garcia da Portela. Nelson Sargento, Wilson Moreira e muitos músicos profissionais.

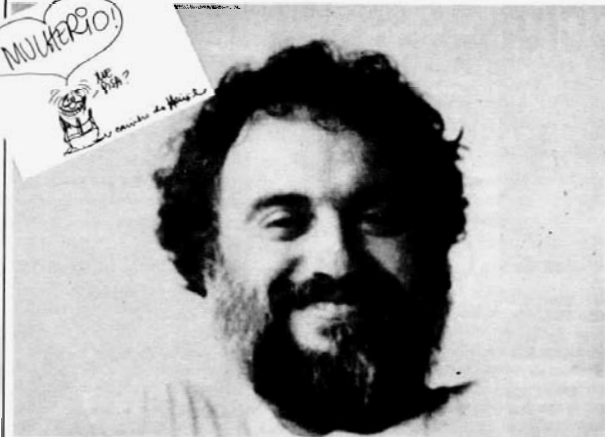
Helena da Rocha é jornalista no Rio de Janeiro

16
mulher
fev.88



Grande Othello, um dos destaques do filme de Ariel, *Eclats Noir du Samba*

divulgação



Figurino: Fábio

Henfil sempre rimou com Brasil

Santamaria Silveira

A morte de Henfil é um ato de repúdio à política de saúde do governo. Com essas palavras, o sociólogo Hebert de Souza fez da tragédia uma denúncia, como Henfil provavelmente gostaria. No Brasil, não há controle sobre o sangue que circula (apenas 20% é fiscalizado), nem responsabilidades, apesar de a Polícia Federal, de posse de mais um decretinho, ameaçar prender, bater e resolver.

Henfil contraiu Aids numa transfusão de sangue - entre as muitas que necessitava fazer como hemofílico - há cinco anos, mas a manifestação da doença só ocorreu três anos depois, levando Henfil a duas internações. Uma em dezembro de 86, da qual conseguiu se recuperar para terminar o filme *Tanga*, e outra em agosto do ano passado, quando uma infecção generalizada levou-o à morte em janeiro deste ano, depois de muitos dias de agonia.

A violência da morte de Henfil e seu espírito guerreiro na defesa dos brasileiros inspirou dois movimentos contra a situação crítica dos bancos de sangue no País. No Rio de Janeiro surgiu o movimento "Salve o Sangue do Povo Brasileiro", liderado por Ziraldo, que tem como figura símbolo a Graúna. Sua intenção é conscientizar povo e governo do problema, incentivar a doação de sangue no Estado, limitada a 100 coletas diárias, e ampliar os bancos de sangue públicos. Já em São Paulo está sendo montado o "Tribunal Henfil", que começa a funcionar em março, sob a responsabilidade do Grupo de Apoio e Prevenção da Aids (Gapa) e dos amigos do Henfil. Segundo Paulo César Bonfim do Gapa, o Tribunal fará um julgamento simbólico dos "traficantes de sangue" e levantará a questão da contaminação dos bancos: "O problema não deve ser visto como um modismo ou limitado à Aids. É antigo e necessita de solução imediata", adverte Bonfim.

HUMOR DE UM HOMEM SÉRIO

Neste mês, no dia 5, HENrique de Souza FILho completaria 44 anos, 25 dedicados à criação. Tudo começou na revista *Alterosa* de Belo Horizonte, onde Henfil publicou seus primeiros trabalhos: os fradinhos, que viveriam sua melhor fase no *Pasquim*, anos depois. Ainda em Minas, foi chargista do *Diário de Minas*, *Diário da Tarde*, *Última Hora* (sucursal) e *Jornal dos Sports*. Da produção reunida no

Diário de Minas, Henfil fez seu primeiro livro: *Hiroxíma, Meu Humor*.

Em 1969, Henfil veio para o Rio de Janeiro e depois do relançamento dos fradinhos, que entendia como os seus dois lados (a ingenuidade do Cumprido e a safadeza do Baixim), criou a série caatinga para o *Jornal do Brasil*, inspirada no norte de Minas, onde Henfil nasceu conhecendo alguns dramas da seca. Nessa safra vieram a Graúna, o bode Orellana e o cangaceiro Zeferino para testar a abertura do regime militar.

E apesar de cucaracha (denominação que os norte-americanos dão para os latinos e que significa "barata"), Henfil conseguiu ir longe na terra do Tio Reagan. Dez jornais compraram suas tiras. É claro que a moral americana não suportou por muito tempo as sacanagens do Baixim. Segundo uma carta do Henfil, "a censura de costumes na sociedade ianque - puritana e hipócrita - é daquelas de nem pensar em top-top, xixi, meleca e cocô". Mas essa aventura americana serviu pelo menos para o Henfil pagar um tratamento caríssimo que precisava fazer. Do troca-troca de cartas entre Brasil e EUA, resultou o livro *Memórias de um Cucaracha*.

Mas a militância do Henfil não ficou apenas no plano do humor. Naqueles tempos em que o Lula não elogiava o senador Jarbas Passarinho e as greves do ABC balançavam o prédio da Federação da Indústria do Estado de São Paulo (Fiesp), ele ajudou a fundar o Parti-



A última do Henfil

ário desigual das mulheres brasileiras, a dupla jornada, a violência e até a situação crítica de seus filhos, ele que na hora mais grave da ditadura não deixou de gritar pela mãe, **dona Maria Conceição**, hoje com 82, que passou a figurar semanalmente na última página da revista **Isto É**. Nas suas cartas para ela, Henfil fazia correlações bem humoradas sobre a vida nacional, uma delas reuniu o nascimento de crianças sem cérebro em Cubatão e a mais nova invenção do governo Figueiredo: o voto vinculado.



Dona Maria,

do dos Trabalhadores (PT), a grande esperança no País dos PDSs e dos PMDBs. Também agitou a campanha da Anistia, transformando a causa própria (seu irmão, o sociólogo Hebert de Souza, estava exilado) em causa pública de todos os brasileiros. Na seqüência, engatilhou a campanha das Diretas-Já, entusiasmado com a descoberta da cidadania plena que o povo fazia em 85 e que esqueceu, para decepção do Henfil, pouco tempo depois.

A última do Henfil foi o filme *Tanga (Deu no New York Times?)*, uma sátira política que não deixou de incluir o Brasil. Nele, Henfil foi roteirista, diretor e ator, vivendo Kubanin, o sobrinho do ditador Walkyria von Mariemblaun, que governa uma pequena ilha do Caribe, que nada tem de paradisíaca. Para a população de 99% de analfabetos não faltavam canais de televisão e um perverso modelo econômico terceiromundista: exportação de cabelos e importação de perucas.

Tudo na ilha gira em torno do *The New York Times*, pois o ditador acredita piamente no que é publicado no jornal (que só ele tem acesso para desespero dos grupos guerrilheiros, entre eles, o Ação Insurrecional Democrática Sexual - Aids). E, na falta de um mordomo, o culpado pelo golpe é mesmo o sobrinho, que manda rodar um fac-símile do *New York Times* informando a fuga do ditador, que "executa" a notícia. *Tanga* (o filme) ganhou seis prêmios no III Rio Cine Festival: melhor filme, atriz, fotografia, música, figurino e cenário.

A senhora deve ter recebido uma infinidade de cartas e ainda não compreendeu como o governo pode tratar seu filho com tanta displicência, em contradição aos seus dados. Por ser nemofílico, a senhora chegou a encher a casa de armotadas para que ele e os dois irmãos, Belinho e Chico Mario, não se machucassem e viessem a correr o risco de um corte, que pode ser fatal para os hemofílicos.

É certo que o Henfil não cooperava muito andando de bicicleta, brigando na rua, jogando bola, querendo provar que era um garoto igual aos outros. Mas nenhuma de suas repreensões chegou perto da imposta pelo governo a 60% dos hemofílicos morte por transfusão de sangue contaminado pela Aids. Mas uma vez ficou provado que o governo não liga a mínima para a saúde do povo brasileiro. Que o digam as vítimas da dengue no Rio, da radiação em Goiânia e as futuras vítimas que serão contaminadas pela carne de Chernobyl, estocada no Rio Grande do Sul. Um ministro já anunciou que ela vai ter de ser consumida, se não for nos balcões dos açougues, será pela industrialização.

Não é, portanto, infundada a manchete do *Pasquim* nº 964: "Henfil assassinado. Ministro da Saúde é um dos suspeitos". Será, dona Maria, que a morte do Henfil vai ser mais um dos escândalos impunes deste País? Como a ferrovia norte-sul, a mandioca, os vestibulares, o Brasilvesti etc. É por essa e outras (que por certo virão) que a gente sente ainda mais saudades do Henfil, um crítico veemente da corrupção que o Brasil vive, sem enfrentar, há tanto tempo.

Mulherio

Imagens do lugar social



Miriam L. Moreira Leite

Temos, agora, em mãos um ensaio sociológico que procurou utilizar uma linguagem fotográfica. Apesar do florescimento de interesse das Ciências Humanas pela fotografia, acentuado na década de 80, até há pouco contava-se apenas com trabalhos antropológicos que a utilizavam como técnica auxiliar de pesquisa. Como a descrição da cultura material pode ser executada, com vantagem, e a comparação de diferentes momentos de um sistema de produção ou do desenvolvimento de uma geração também, a fotografia vem ampliando sua importância como extensão do olhar do pesquisador.

Já nos trabalhos de Sociologia, a utilização da fotografia continua a ser considerada com desconfiança. Como declarou um de nossos sociólogos mais desabridos, não é possível tirar retratos de idéias e de conceitos. Apesar disso, em diferentes níveis e em alguns campos, tem havido esforços para criar uma Sociologia Visual interessada pela aparência das coisas e das relações, procurando explicar, através de princípios sociológicos, o que está subjacente à essa aparência. A partir dessa posição, têm-se diversificado pesquisas sobre a definição do campo, sobre as imagens sociais nos meios de comunicação de massa, sobre as dimensões visuais da interação social, sobre a Sociologia das artes visuais e sobre tecnologia visual e a organização social.

Contudo, apesar da adesão acadêmica e dos progressos da tecnologia, uma das razões persistentes para as restrições feitas a uma Sociologia Visual é a dificuldade de sua prática. No livro, os autores estiveram conscientes, em todas as suas etapas, dos obstáculos a transpor num trabalho desse tipo. Tanto em seu planejamento, como na seleção do material, depois da seleção do que fotografar, como na discussão e interpretação das séries de fotografias, na seleção das que comporiam o livro, até na distribuição do livro e na discussão do produto final, os autores revelaram um extremo cuidado, cheio de hesitações que, se enriqueceram o trabalho realizado, tornaram-no também uma etapa de um diálogo inconcluso. O título do livro é indicativo tanto do poder de identificação da imagem, quanto da intenção dos autores de utilizá-la para a discussão do produto final.

Observe-se que desde o planejamento, os autores não pretenderam conhecer os setores populares urbanos, de Buenos Ai-

res, através de uma pesquisa do discurso ilustrada por fotografias características. Ao propor sua questão fundamental — como é construída a identidade, o mundo e as relações cotidianas dos setores populares urbanos, pretenderam utilizar imagens e palavras tanto como material de pesquisa, como matéria de discussão, como ainda formas de apresentação dos resultados.

Deve-se pois reunir aos autores a fotografia profissional que foi responsável pela intensidade das imagens em branco e preto, de atores e relações sociais, tiradas por sugestão dos pesquisadores e selecionadas pelos pesquisadores. Um traço inovador foi o esforço de romper a distinção entre pesquisadores e pesquisados, procurando fazer com que uns e outros refletissem, procurassem conhecer e se identificassem com o objeto da pesquisa. Não menos rara foi a definição do que fotografar — as fotografias habituais de amadores são imagens de rituais, de cerimônias ou de condições excepcionais. Neste caso, o objeto a fotografar era o cotidiano. Algumas vezes os pesquisadores chegaram a se manifestar sobre elas: não viam nas condições ou relações fotografadas nem o que queriam, nem o que desejariam que outros vissem. Contudo, ainda que a mulher tenha aparecido despenteada e mal ajambrada, a cozinha em desordem e a fachada descasada, a verdade é que a imagem fotográfica revestiu o que foi retratado de uma aura especial (talvez produto da ausência de cor, cheiro e temperatura) que, sem dúvida, atasta as imagens de uma representação realista.

A técnica de entrevista utilizada foi a de fazer 50 entrevistas coletivas, de 3 a 7C pessoas, que discutiam um ou dois temas dentre as 700 fotos sugeridas pelos pesquisadores e selecionadas pelos pesquisados. Nessas entrevistas combinou-se, de maneira variada, os entrevistados e as fotos de homens, mulheres, crianças, adultos e velhos, em cenas de rua, trabalho, tempo livre, família, instituições públicas e religiosidade popular. A entrevista coletiva sobre as fotos apresentou, sobre o questionário, a vantagem de mobilizar vivências e sugerir diálogos e interpretações analíticas que se refletiam, depois, na seleção final dos textos e das fotos escolhidas para a publicação. Portanto, o livro é o resultado de uma ação cumulativa de fotos, discussão de fotos, interpretação e discussão dos resultados pelos pesquisados que, abandonando os conceitos estabelecidos, estruturavam-se em capítulos extraídos do conjunto das entrevistas.

Entre os vários capítulos, um trata do tempo feminino. Trabalhos anteriores de Elizabeth Jelin "La Mujer y el Mercado de Trabajo Urbano", in *Estudios CEDES* 1(6) e "Trabajo y familia en el ciclo de vida femenino — el caso de los sectores populares de Buenos Aires", in *Estudios CEDES* 3 (8/9), indicam um interesse anterior pelos Estudos sobre a Mulher. Dentro desta temática o modesto capítulo, quase mudo, fornece

dimensões da limitação da linguagem fotográfica. A única fotografia do livro de uma mulher com o tempo ocioso, na p. 28, não está incluída nesse capítulo. Ainda assim, seria possível discutir se se poderia chamar de tempo livre o tempo gasto a vigiar a brincadeira das crianças na água. O capítulo é formado por fotografias quase só de homens — em jogos de bola, num grupo em que se toca violão ou noutro em que se jogam cartas. A fotografia de um grande público, sentado no chão, tem moedas presentes, mas estas estão tomando conta de crianças. Trata-se de uma afirmação pela negação. A mulher não tem tempo livre — suas atividades são estabelecidas pelos outros, que demarcam seu tempo de trabalho e de interrupções de umas tarefas por outras, ou como diz o nome do capítulo: *O ócio e dos outros*.

Ainda que as fotografias sejam expressivas, admitem diferentes interpretações. A ausência das mulheres pode nem sequer ser notada, por ser uma situação habitual, ou pode ser atribuída a diversos fatores diferentes. Ainda que para alguns a afirmação pela ausência possa ser bastante clara, não atingirá da mesma forma todos os leitores. Nem todos conseguirão ler aquelas fotos que trabalho e tempo livre só se aplicam à população masculina. As reflexões dos pesquisadores sobre as fotografias não chegaram até lá e as interpretações dos pesquisadores deixaram de lado a questão, embora tenham tratado com clareza e sentimento a questão do tempo de espera — a resignação das fisionomias de pessoas paradas, a mídia gravada, as filas intermináveis diante de balcões fechados.

Se foi possível extrair das palavras e das imagens a dificuldade de passar de uma reflexão sobre o eu, para uma reflexão sobre o nós, e o trabalho permanente de contrastes entre eu e os outros, não se deu a mesma atenção à diferenciação estabelecida entre a população pesquisada e a camada da população de que se originaram os pesquisadores. Por maior que tenha sido a integração entre pesquisadores e pesquisados a que se chegou, essa diferenciação inicial e sua compreensão teria sido o ponto de partida para a das demais diferenciações estudadas.

Como o objetivo da pesquisa era entender como uma camada da população de Buenos Aires "pensa e sente seu lugar social", mas também contribuir para a reconstrução de "uma linguagem e de uma prática coletiva e solidária" "para enfrentar a tarefa de construção democrática", seu caráter aberto, de desafio e sugestão provocou certa insatisfação em leitores habituais dos sistematizações que se pretendem completas, ou que apontam explicitamente para os obstáculos da pesquisa ou para as lacunas das interpretações.

Miriam L. Moreira Leite trabalha no Centro de Apoio à Pesquisa em História, da Universidade de São Paulo e está fazendo uma pesquisa sobre Documentação Fotográfica.

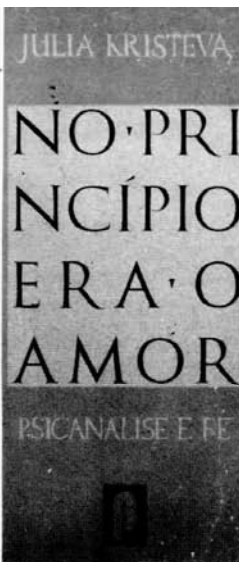
No princípio era o amor
Julia Kristeva,
São Paulo
Editora Brasiliense, 1987

Conhecimento do desejo

Agostinho Zero Hashimoto

Uma conferência feita aos alunos de um liceu francês em Versalhes, em dezembro de 1984, deu origem a este livro de Julia Kristeva. Psicanalista Laciana, professora de Linguística na Universidade de Paris, onde ensina semiologia, a autora aceitou falar sobre psicanálise e fé, dois termos cuja relação parece implicar conciliação ou oposição, deixando claro que a psicanálise "tira seu valor epistemológico e sua eficácia prática justamente da afirmação de sua autonomia em relação à fé." Esclarece no entanto que, se no processo de dessacralização do pensamento que se opera desde Descartes até o final do séc. XIX, a psicanálise (junto com a linguística e a sociologia) foi a última a se constituir como aproximação racional do comportamento humano, contrariamente às outras ciências humanas ela revoga a racionalidade positivista ao fazer da "palavra trocada" entre dois sujeitos em situação de transferência e de contratransferência, o seu objeto.

No princípio era o amor... e "é por uma falta de amor que o sujeito recorre à análise. E é reconstituindo a sua confiança e a sua capacidade de amor no ato transferencial, antes de tomar distância dele, que o analisando conduz a sua experiência analítica." O sujeito em análise sofre de um traumatismo arcaico, frequentemente sexual, que é revivido quando deslocado para a pessoa do analista. Tal operação, "que mobiliza a inteligência e o corpo de duas pessoas por meio unicamente da palavra que as liga" estabelece um discurso amoroso, no qual a palavra deixa de ser simplesmente intelectual para ser implicitamente afetiva ("o dispositivo paradoxal de um divã, em que alguém fala deitado, e de uma poltrona, em que alguém escuta sentado, bloqueia a multiplicidade e facilita o deslocamento da energia pulsional para a palavra"). O espaço analítico surge assim como um lugar explicitamente designado pelo contrato social, onde temos o direito de falar de nossas feridas e de buscar novas possibilidades em nós, de acolher pessoas novas e novos discursos. Levando a sério os discursos essenciais que seus pacientes lhe apresentam através de "síntomas" e "fantasmas", o analista ajuda a interpretá-los, e ao fazê-los reviver na



cura (que ocorre quando se torna possível lidar com o vazio na presença extenuante do sujeito a si mesmo), possibilita que assumam uma nova configuração, mais benéfica para o analisando e seus circundantes.

A consciência de ser separado (especialmente na cultura ocidental), abandonado e só frente ao outro e "a dificuldade de quem têm os seres humanos de suportar o desmoronamento de seus fantasmas e o fracasso de seus desejos", faz necessária, entretanto, uma solução de compromisso provisória, que torne menos esmagador o sofrimento do desejo ardente ou da frustração abandonada. A religião (e aqui a abordagem da autora é essencialmente freudiana) ofereceria assim, uma oportunidade para o sujeito reconstituir uma certa coerência, uma identidade imaginária que o sustenta, ajudando-o temporariamente a viver, até que a genuína descoberta do outro lhe permita construir laços, criar comunidades, ajudar, amar, perder, passando da gravidade para uma leveza que guarda a memória do sofrimento mas continua à procura da sua verdade, pela alegria de recomeçar incessantemente (como no constante fluir de Heráclito?).

Para Kristeva (neste aspecto discordando de Lacan) o sujeito religioso já teria prontidão para o início de um processo analítico, uma vez que a análise começa num momento comparável à fé (descrita, num máximo de simplificação, como um movimento de identificação a uma instância amorosa e protetora) que é o estabelecimento do amor de transferência - "eu tenho confiança em você e espero uma contrapartida". Entretanto a análise termina com a constatação de que não poderia haver contrapartida sem que eu me alienasse ao meu benfeitor e de que a demanda e o desejo tornam o sujeito escravo de seu objeto. Analisado, nem por isso o sujeito deixa de demandar e desejar, mas agora o faz com conhecimento de causa e de efeito. E o conhecimento de seu desejo é a sua liberdade, o seu esteio e a sua leveza.

Agostinho Zero Hashimoto é historiadora, astróloga e estudante de Psicologia.





Falsas pistas da memória Erotismo mal alinhavado

Poesia (1964 a 1984)
Neide Archanjo
Rio de Janeiro,
Guanabara, 1987

Lúcia Castella Branco

Nem sempre as antologias são bem sucedidas no sentido de oferecerem uma visão panorâmica da obra de determinado autor. Muitas vezes o que se tem é um conjunto de textos, sem uma unidade razoavelmente definida, sem trajetória demarcada, sem qualquer motivo que justifique sua seleção ou seu agrupamento. Quando o critério de organização é cronológico, tais problemas parecem, a princípio, resolvidos: a justificativa recai na cronologia dos textos que, evidentemente, facilita a visão panorâmica da obra do autor. No entanto, esse critério não pode ser sobrepor ao da qualidade; não vale a pena mostrar que em 1984 o autor simplesmente repetiu fórmulas já esgotadas em 1964, ou que subitamente abandonou uma dicção na qual vinha firmando seu trabalho para se envolver com uma outra, então em moda nos meios literários.

Não chega a ser exatamente este o problema que se detecta na coletânea *Poesia* (1964 a 1984), de Neide Archanjo, mas também não estão muito longe disso os motivos que determinam, a meu ver, a fragilidade da antologia, afinal, a questão da memória, que se coloca explicitamente no primeiro livro da autora (*Primeiros Ofícios da Memória*) parece perpassar toda sua poesia: da memória do poético (*O Poeta Itinerante*) à memória da cidade (*Poesia na Praça*), ou ainda à memória das tradições literárias (*Quixote, Tango e Foxtrote*). Até aí nada demais: não é incomum vermos um mesmo leitmotiv percorrendo a obra do autor. Entretanto, quando esse motivo é tratado de uma maneira equivocada, e repetidamente equivocada, talvez os leitores tenham o direito de se perguntarem o que aquele poeta tem a lhes dizer.

Sabemos, com a Psicanálise, que é pela memória que o sujeito se constitui (e se desconstitui). Sabemos também que, como qualquer ato de linguagem, a memória se compõe de falhas, de recortes, de pequenos lapsos, de grandes esquecimentos. E que, como ato de linguagem, ela é também criação, construção, invenção. Nesse sentido, podemos dizer que a memória, visivelmente alimentada pelo passado, projeta-se para o futuro, como um exercício de tradução. E nesse exercício é preciso reconhecer, humildemente, que jamais temos de volta o original intacto. O que se tem é, evidentemente, um outro texto e, para que ele se sustente enquanto tal, é preciso que ele assuma sua condição de alteridade, de tradução. Querer negar isso, querer enxergar no processo de memória um resgate do passado, é simplesmente mergulhar na nostalgia de um impossível da linguagem em que as palavras pudessem não ser signos, mas a coisa em si.

Talvez aí se localize o equívoco da poesia de Neide Archanjo: alimentados pela memória, seus textos procuram crer no resgate de um original intacto que, quem sabe, possa nos revelar um sujeito inteiro, sem fissuras, sem brechas. Não é muito longo o percurso daí à construção de um cenário idílico, varadisiaco, sem questionamentos e sem críticas: irmão, não sei se te lembras dos muitos retratos que vivemos juntos. / No abandonar das tardes, quando a casa era sombria e as coisas não mais sentiam

a presença de umas mãos cansadas, / nós recriávamos lembranças, aspirando as cores passadas/ dos velhos retratos mortos na gaveta". (*Primeiros Ofícios da Memória*, 1964). Ou, 20 depois: "Há uma biografia pessoal e coletiva/ em algum lugar perdida na memória/ procuro aí procuro no meu sangue/ o mapa e o compasso/ do sonho peregrino que dará os nomes/ das coisas e dos homens". (*As Mari-nhas*, 1984).

Sim, certamente há uma biografia pessoal e coletiva. Mas ela não se encontra perdida, localizada em algum canto da memória, porque a memória não é um recipiente, não é um baú de segredos do qual podemos lançar mão quando necessário ("Nada apodrece, companheiro/ A memória conserva tudo/ dentro de seus potes"), mas é antes um processo de produção de signos, em constante mutação, em constante movimento. E, nesse processo, o sujeito (no caso, o sujeito poético) nunca será íntegro, sem rasuras, mas será sempre uma teatralização, uma encenação. Querer negar a encenação do sujeito literário, querer fazer da poesia um puro ato quixotesco (esquecendo que Quixote é personagem, é burla, é trapaça de Cervantes), é querer garantir ao discurso poético uma transparência que ele não tem e ao sujeito desse discurso um falso estatuto: "De todo esse mistério/ concluso e insuspeito/ sobrou o quê, Quixote?/ Nosso caminho é uma questão/ lúcid-a e lúdica/ para se propor em qualquer data ou tempo/ um sonho incompleto/ mas verdadeiro/ que nós poetas/ sonhamos juntos". Nesse momento, o almejado salto em direção à modernidade (eventualmente anacrônico: ao pé a autora não comporá sso com a geração m meo'ia o o, com a contemporane da de do cenár o de Quixote, Tango e Foxtrote, de ta- ta não se afeta).

E donde se encontra a mulher em me o a t u o s s o? Onde a a o tem n no no texto de he de Arcanjo? Ora a memória e o tem n no sempre andaram juntos. Atna Mnemosyne e uma deusa grega mãe das M'sas, a e garia tem aos poetas o dom da poesia o dom da nçagem. Mas o q, e se tem na obra de Neide Archanjo não é propriamente o que poderíamos chamar de uma memória feminina, que se atualiza através de uma escrita feminina. Temos antes um discurso que parece pretender a dissolução de sua singularidade, da mesma maneira que seu sujeito pretende negar sua encenação. Desta forma, entendida como resgate de um original intacto, e não como criação, construção, invenção, a memória quem sabe nos fale de um certo feminino (que talvez hoje não tenha muito a nos dizer), mas não o faz femininamente - não o faz a partir de suas lacunas, suas brechas, seus lapsos, seus esquecimentos.

Isso só acontece em momentos fortuitos da poesia da autora quando, como atos falhos, os fragmentos invadem a cena e ousam apresentar um sujeito cindido, incompleto, embora ainda com preleções a Quixote: "No que sonho ou caval' no que me falha ou cindel' existe um brilho que não alcanço. / Ainda". Assumir essa condição é também admitir que a Literatura não pode tudo, pois é feita de palavras, como um ato segundo (e precário) de linguagem: é assumir que é dessa falha e dessa cisão que o sujeito se constitui e a memória se constrói, assim tornando possível a criação, a invenção, o poeta e a poesia.

Lúcia C. Branco é professora universitária e autora de *O que é erotismo* (Brasiliense, 1984, 1987) e *Éros Travestido* (Littera UFPA, 1985).

Obras Eróticas
Mirabeau,
São Paulo,
Brasiliense, 1987

Silvia Cintra Franco

Espero que Mirabeau tenha sido melhor amante do que o fbi escritor, a deduzir de sua literatura (?) erótica, este canto desafinado de galo carijó, emendando aventuras sobre aventuras com uma prosa pornográfica (a prima pobre do erotismo) deslumbrado com as potencialidades do próprio falo.

Mirabeau foi inúmeras vezes preso por devasso e outras tantas por motivos políticos. No segundo caso, a prisão e o exílio na Holanda e Inglaterra foram benéficos à sua obra política. Infelizmente, não se pode dizer o mesmo da obra erótica. É trópega em sua narrativa, mal alinhavada, incapaz de uma prosa saborosa. É mais uma sucessão de aventuras libidinosas escritas "nas coxias", sem maior empenho, engenho ou arte. E elas tinham tudo para ser uma deliciosa novela picaresca, menos um autor com talento e malícia para as lides narrativas, para essa grande proeza que é narrar em primeira pessoa mil sandices e atrevimentos e de quebra conquistar a compulsião e o interesse do leitor.

A trama é frágil e rala, têm-se a impressão de um varal em que o A. foi dependurando *ad nauseam* com pressa e descuido de complacências eróticas de um aventureiro na corte francesa e de um abade amante de...mas e de outros. São mais de 200 páginas para ler a mesma coisa. Menos de vinte parágrafos.

Para adjectivar a mulher, lança mão dos mesmos clichês machistas que encontramos em B. B. (porte de égua, pernas de corça) e de Garcia Marquez a nada, sa, aracrõnicamente e sem enrubescer, principia mente em *O amor nos tempos do Cólera*, romance de um machismo antes...

Mirabeau (1749-1791) é considerado grande estadista francês, um dos maiores pensadores e oradores da primeira fase da Revolução Francesa e seus historiadores têm o cuidado de dividir sua vida em dois momentos, completamente distintos, como insistem em sublinhar: uma primeira fase dissoluta e aventureira e uma segunda, política e eminente. Assinalam que M. teve uma juventude desregada e que foi um devasso. E estas *Obras Eróticas* deixam entrever em que fonte se inspiram...

O nosso dicionário Aurélio registra devasso como adjetivo e também como substantivo masculino: "Diz-se de, ou homem dissoluto, libertino". Mulher

devassa não existe. Devassa, segundo o mesmo Aurélio, é "sind. cânc. a nã. er. to". É "fantástico que a cond. ta masc. na (ceder favores sex. a s em troca de presentes ou dinheiro, como se vê à fartura nestas *Obras*) seja eufemisticamente denominada de assidão. E não há na língua portuguesa similar feminino para tal conduta. O homem é devasso. A mulher, não. É puta mesmo.

Na verdade, Mirabeau revela nesta obra entender mais de política, psicologia e sexo do que de prosa literária e erotismo. É notável o conhecimento que M. tinha das vaidades e fraquezas da alma humana. O que lhe deve ter servido e ajudado a ser o político que foi, com trânsito junto à Corte e depois junto à Revolução. Além, é claro, de sua habilidade política: "prudente demais para me apresentar em público (...) não aceitei nenhum cargo. Fazer e não aparecer, assim devem agir as pessoas hábeis" (p. 57). É dessas significativas a denúncia que Mirabeau faz da vida nos conventos da época, em que a Igreja se prostitua aos interesses da sociedade e permitia que pais encarcerassem filhas no convento, quer por medida disciplinar, quer porque não quisessem dotá-las de um dote...

Muito tempo antes de Freud, a argúcia de Mirabeau descobriu a razão da histeria feminina. Discorrendo sobre o costume de trancafiar-se as moças nos conventos contra a vontade, ignorando-lhes a corporalidade, pondera: "Disso resulta, na juventude, uma revolta dos espíritos carnis, um conflito entre os sentidos e a razão, entre o criador e a criatura, onde muitas vezes a fraqueza humana é obrigada, como Pilatos, a lavar as mãos.

Tudo isso serve somente para enganar as paixões, excitar os desejos, iluminá-las ainda mais... Dai mais uma vez as inspirações, as aspirações e todas as loucuras que alguns queimaram, outros canonizaram..." O A. certamente se refere às mulheres vitimizadas pela "moral" de dois pesos e duas medidas, que às primeiras reserva o calor da fogueira ou a frieza do altar, sem meio termo. Este, só existe para o varão, estadista e devasso, honrosamente e ao mesmo tempo...

Silvia Cintra Franco é escritora e coordenadora da área de cultura do Conselho Estadual da Condição Feminina

19
mulherio
fev. 88

FARMÁCIA OU JORNAL?

Saúde é a base da vida. No jornal *Vida Integral*, você encontra a base da saúde.

<p>1</p> <p>Com <i>Vida Integral</i> você evita despesas médicas e hospitalares. Médicos e terapeutas ensinam tratamentos naturais, seguros, que previnem doenças e restabelecem a saúde, sem riscos de efeitos colaterais.</p>	<p>2</p> <p>Cada mês, a indicação da maneira correta de alimentar-se. Você aprende a corrigir distorções na dieta e a perder peso de modo equilibrado, sem regimes drásticos e amooçadores. Muitas receitas.</p>	<p>3</p> <p>Você descobre como o tratar de sua aparência com alternativas naturais, econômicas, sem riscos para a pele e a saúde em geral.</p>
<p>4</p> <p>Em cada edição, médicos, nutricionistas e terapeutas respondem às perguntas dos leitores.</p>	<p>5</p> <p><i>Vida Integral</i> orienta como deixar o cigarro e bebidas alcoólicas e mostra o caminho de vida saudável e feliz.</p>	<p>6</p> <p>E ainda: entrevistas, artigos, reportagens. Tudo na área de alimentação, ambiente, qualidade de vida.</p>

NAS BANCAS

Vida Integral Vale por uma farmácia; custa menos que uma receita médica.



galeria
de arte e
molduras

Linha completa de molduras em madeira, laca, alumínio, ouro envelhecido, prata etc. Somos o maior acervo de gravuras de S. Paulo. Tozzi, Volpi, Tome, Grassmann, Tarsila, Rugendas, Wesley Duke Lee, Antunes, Renina, Fayga, Mabe, Charoux, Burle Marx fazem parte da nossa coleção.
R. Artur de Azevedo, 2102 — Fone: 815.7786 — Pinheiros — S. Paulo.

O que você está querendo dizer?
Seja mais clara(o)...
ou chame-nos
A gente redige,
traduz e revisa seu texto

Redação
Tradução
Revisão
Copidesque
pro-texto
Tel: 815-3645

Centro Nacional Bertha Lutz: um recorde de atendimentos

Laurimar Coelho

Inspiração no trabalho realizado pela pioneira na luta organizada em favor da emancipação da mulher brasileira no começo deste século, o Centro Nacional Bertha Lutz completa cinco anos de atividades assistenciais dedicados a mais de 10 mil pessoas no Estado do Rio de Janeiro.

Promover a orientação jurídica e médica em favor das mulheres carentes pode não ser uma novidade para as muitas entidades feministas brasileiras. No entanto, o trabalho do Centro Nacional Bertha Lutz chegou a alcançar a média de 2 mil atendimentos/ano e estendeu-se para a defesa e promoção dos direitos humanos básicos, realização de pesquisas científicas de caráter médico, psicológico, sociológico, econômico e demográfico, além da promoção e colaboração em atividades de caráter técnico-científico e cultural, e elaboração e publicação de material informativo e educativo.

Localizado no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, o Centro conta com o trabalho constante de cerca de vinte profissionais entre médicos, enfermeiras, advogados e sociólogos, que se preocupam em dar assistência, educação e promover as atividades femininas e familiares. No campo da saúde, a preocupação central da entidade está voltada pa-

ra o atendimento ginecológico, além de programas especiais no âmbito do planejamento familiar e da prevenção do câncer do colo do útero e de mamas. Através de convênios com clínicas especializadas espalhadas em alguns bairros cariocas, o Centro Bertha Lutz tem sido o responsável pelo atendimento a mais de 10 mil pessoas.

A socióloga e presidente da entidade, Flórida Mariana Acioli, em conjunto com a médica Ana Lúcia Ribeiro, tem desenvolvido um trabalho de orientação das mulheres da região no sentido de prevenir o câncer, combater as doenças sexualmente transmissíveis e evitar o uso incorreto de contraceptivos. "O planejamento familiar que se faz aqui no Brasil está com muitas falhas. Enormes quantidades de anticoncepcionais são distribuídos às mulheres carentes e quase nenhuma informação acerca de seu uso é veiculada, proporcionando sérios riscos à saúde da mulher", explica Flórida Acioli.

De setembro de 85 a outubro de 87 cerca de 6.500 mulheres foram atendidas pelos médicos do centro e quase 3 mil exames ginecológicos (colpocitológicos, histopatológicos e bacteroscópicos) foram realizados, juntamente com um projeto de orientação voltado não apenas para a população leiga, mas para jovens universitários nas áreas de enfermagem e educação interessados em atuar no Centro. Este treinamento para profissionais realizado em convênio com a Associação Fluminense de Educação abrange duas etapas com ênfase para a análise da saúde reprodutiva, incluindo a situação da mulher e seu papel no desenvolvimento e ação comunitária. As atividades práticas do estágio envolvem visitas domiciliares, aulas junto às Associações de Bairro, Escolas, Clubes de Mães e outras entidades feministas.

Segundo Flórida Acioli, a orientação jurídica e psicológica realizada pelo Centro, atende respectivamente as questões do Direito de Família e da Mulher, além de desenvolver sessões terapêuticas individuais ou em grupos de mulheres e adolescentes.

Muito trabalho com poucos recursos

"A verba adquirida pela entidade é proveniente da ajuda de nossos sócios voluntários, pessoas físicas e jurídicas, que nos remetem doações frequentemente e das taxas simbólicas que cobramos das pessoas que atendemos", explica Flórida. Segundo a presidente, a taxa não é obrigatória e faz parte de uma extensa pesquisa realizada pelo Centro a nível individual, que procura verificar a situação sócio-econômica de cada pessoa assistida, possibilitando um melhor atendimento de acordo com o nível de carência.

Paralelamente às doações, o Centro Bertha Lutz conta com a venda do material de apoio e motivacional,

composto por livros e demais publicações elaboradas pelos especialistas do órgão com o objetivo de difundir as idéias e as instruções veiculadas em seus vários cursos e palestras que promovem. As publicações referem-se basicamente à gravidez na adolescência, ao planejamento familiar e a prevenção do aborto provocado, sendo que os recursos obtidos com a venda desses livros são utilizados respectivamente na campanha de prevenção do câncer ginecológico e no programa de planejamento familiar.

Trimestralmente são realizados cursos de atualização da mulher com o objetivo de despertar o interesse para as questões específicas das mulheres: "Estes cursos procuram aproximar as mulheres das doutrinas feministas que elas temem muito. Damos uma visão histórica da atuação da mulher na sociedade e subdividimos as discussões por prioridades dentro de cada uma das áreas com as quais trabalhamos. No campo do trabalho, por exemplo, abordamos as leis trabalhistas e os direitos das mulheres; no campo da saúde, discutimos a sexualidade e o cuidado com o corpo", explica Flórida.

Novos projetos

Preocupada com o descaso sofrido pelas mulheres acima dos 40 anos de idade, principalmente no que se refere a seu convívio social e sua sexualidade, Flórida afirma que pretende implantar já no início deste ano um projeto de assistência à mulher idosa que cuidará a princípio do incentivo à participação social e a formação de grupos de convívio e discussão de temas de interesse. "Estamos realizando uma pesquisa entre as mulheres que recebem a nossa assistência a respeito de quais atividades gostariam de desenvolver junto ao centro, a fim de que não percamos tempo discutindo ou realizando atividades que não tenham vínculo com sua realidade" diz.

Juntamente com a questão da mulher acima dos 40 anos, o Centro pretende desenvolver uma série de projetos de apoio ao adolescente, tanto a nível psicológico quanto a nível social, com o objetivo de promover uma participação mais ativa e consciente evitando, portanto, o aumento de indivíduos mal informados e sujeitos a problemas familiares ou com a saúde. "Estamos desenvolvendo nossas atividades aos poucos para que a qualidade de atendimento não seja comprometida. No entanto, pretendemos abrir novas sedes do Centro Bertha Lutz em Minas Gerais e Pernambuco com o mesmo método de trabalho desenvolvido aqui no Rio de Janeiro. Mas, são projetos a longo prazo" afirma satisfeita.

O Centro Nacional Bertha Lutz fica na Rua Santo Afonso, nº 110 Grupo 605 - Praça Saens Peña, Tijuca, Rio de Janeiro.



A equipe do Centro Bertha Lutz: Sônia, Ana Lúcia, Aziz, Flórida, Izabela e Inês

mulheres '87

o jornal do CNBL

20
mulherio
fev.88

O Centro Nacional Bertha Lutz elabora há dois anos o boletim informativo **Mulher**, onde a saúde feminina e o desenvolvimento social da mulher são as principais questões levantadas. A cada dois meses uma nova edição do boletim discute basicamente a saúde da mulher com uma série de matérias educativas acerca do uso adequado de contraceptivos e demais métodos preventivos de combate às doenças sexualmente transmissíveis ou outras moléstias mais comuns.

Direitos trabalhistas e a participação ativa da mulher no campo social, bem como o apoio aos ór-

gãos de assistência à mulher, a exemplo das delegacias de defesa fazem parte dos temas tratados pela publicação. Uma seção com notas informativas destaca as conferências, simpósios e encontros de interesse para as mulheres, realizados não apenas no Rio de Janeiro, mas nos demais Estados.

Com uma tiragem de aproximadamente 15 mil exemplares o boletim **Mulher** traz frequentemente alguns avanços obtidos pelo Centro Nacional Bertha Lutz junto aos projetos de assistência à saúde da mulher carente como a realização de cursos profissionalizantes e de orientação básica.

Brasil



Nova revista feminista

Lançada em dezembro no Rio de Janeiro, a revista **Impressões** pretende resgatar não apenas os temas de maior interesse das mulheres, mas tornar-se um canal de divulgação de toda a produção feminina a nível nacional e internacional. A idéia surgiu a partir da criação da Rede de Artes e Literatura Feminista, em 1985, uma associação sem fins lucrativos, preocupada em resgatar a criatividade das mulheres em todas as áreas e nascida de um antigo projeto da feminista Carmem da Silva.

A revista **Impressões** é produzida com o apoio de um conselho consultivo, cujas integrantes propõem e selecionam textos e de um conselho executivo, responsável pela coordenação e edição da revista. Visões críticas provenientes do pensamento feminista acerca da cultura e da sociedade são os pontos centrais da linha editorial da publicação, que pretende contar com a inclusão de textos internacionais traduzidos, a fim de que temas ainda pouco conhecidos e discutidos entre as feministas nacionais possam ser analisados. Contando com a participação de feministas e intelectuais nacionais, como Florisa Verucci, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Sílvia Pimentel, Anésia Pacheco e Chaves e Maria Carneiro da Cunha. Endereço: Caixa Postal 70.176 - CEP 22.422 - Rio de Janeiro.

A **Chave**, nº 7, outubro de 87, Tremembé, São Paulo. Esta publicação é o resultado de atividade grupal desenvolvida junto às reeducandas da Penitenciária Feminina de Tremembé. Nesta edição há uma matéria de Berenice Moura Praxedes sobre a discriminação contra a mulher no âmbito judiciário e a atuação do Semi-Aberto Feminino existente na Penitenciária Feminina do Estado de São Paulo, que comporta cerca de 24 vagas. Endereço: A Chave, Caixa Postal 20, Tremembé, SP, CEP 12120.

Boletim do Núcleo de Estudos sobre a Mulher (NEM), ano 7, nº 9, setembro de 1987, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No editorial, Fanny Tabak, coordenadora do NEM, ressalta o aumento da violência nos grandes centros, especificamente contra a mulher, propondo uma pesquisa a ser realizada no Rio de Janeiro para descobrir que estratégias de sobrevivência estão sendo adotadas pelas mulheres das classes populares dessas cidades. Além disso, o boletim traz relatos sobre cursos profissionalizantes para mulheres na favela do Vidigal e resultados de uma pesquisa sobre participação política desenvolvida junto com o IDAC (Instituto de Ação Cultural). NEM: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, CEP 22453, Rio de Janeiro, RJ.

Chico Rei Clube, edição de aniversário, setembro de 87, Chico Rei Clube, Poços de Caldas, MG. Trata-se de uma publicação mensal editada por uma comunidade negra de Poços de Caldas com o objetivo de promover a agregação para recreação e a cultura entre seus associados. Nesta edição, o editorial destaca os 24 anos de trabalhos desenvolvidos pelo Clube e traz uma série de matérias a respeito do centenário da Abolição da Escravatura no Brasil a ser comemorado no próximo ano. Endereço: Rua Pernambuco, 460 - Caixas Postais 635/237/374 - Poços de Caldas - CEP 37.700.

Informativo IBEAC, nº 5, agosto de 1987, Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiroz Filho, São Paulo. O boletim tem a função de prestar contas sobre as atividades desenvolvidas pela entidade durante o primeiro semestre deste ano, fazendo uma recapitulação de todos os eventos organizados. O IBEAC aproveita para comunicar que, além do setor de documentação de todas as atividades, o Instituto divulga agora através de publicações debates, palestras, forums etc., iniciando com a série "Documentos IBEAC", à disposição dos interessados no seguinte endereço: Avenida Dr. Arnaldo, 2083, CEP 01255, São Paulo, SP.

Intercâmbio, nº 11, dezembro de 87, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Este boletim trimestral divulga experiências entre associações de moradores, sindicatos, prefeituras municipais, grupos organizados de trabalhadores rurais, mulheres etc. Os principais temas tratados referem-se à saúde, saneamento, posse da terra, habitação, abastecimento, transporte, meio ambiente e educação. Nesta edição o destaque fica por conta das questões ligadas ao transporte público não apenas de alguns municípios paulistas, mas de outros estados a exemplo de Pernambuco, onde a Federação de Bairros da Região Metropolitana do Recife (FEMEB) tem se empenhado na luta contra o aumento das tarifas de transporte. Ibase, Rua Vicente de Souza, 29 - Rio de Janeiro/RJ, CEP 22251.

Nêgo, nº 13, Movimento Negro Unificado, outubro de 1987. Nesta edição do jornal do Movimento Negro Unificado da Bahia, o editorial destaca a situação do negro assalariado no Brasil frente ao racismo e ao sistema capitalista. Há uma matéria sobre a atuação da polícia na favela do Calabar, em Salvador, onde o trabalhador negro Jorge Luis teria sido morto após um confronto entre os moradores da região e os PMs. Na página central, o destaque fica para a visita do embaixador da República Popular da Angola, no Brasil, que se reuniu com alguns representantes do Movimento Negro Unificado para troca de informações entre a situação do negro no Brasil e Angola. O Jornal do Movimento Negro Unificado da Bahia pode ser adquirido pela Caixa Postal 6423 - CEP 40000 - Salvador, Bahia.

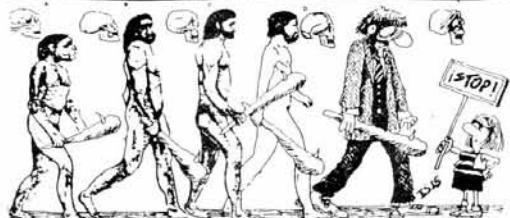


Outros países

Mujer/Fempres. Edição especial, Unidade de Comunicação Alternativa da Mulher, Santiago, Chile. Neste número de 65 páginas, o destaque é para a Mulher e o Humorismo. Traz uma série de cartuns chilenos, espanhóis, ingleses e brasileiros ironizando as diferentes situações discriminatórias enfrentadas pelas mulheres. Fempres - ILET, Casilla 16-637, Correo 9 / Santiago - Chile.



Sintesis - Actualidad colombiana, out. 1987. Na contracapa, a seção de humor deixa nítida a realidade colombiana: os quadinhos relacionam morte, violência, repressão e militares. Os destaques deste número são as matérias sobre o assassinato dos 435 militares da Union Patriótica e sobre a "Guerra suja" que se desenrola atualmente naquele país. Nesse conflito, segundo o boletim, papel fundamental tem a descoberta da existência de um "plano arquitetado pelos Estados Unidos para aniquilar as organizações e personalidades que se oponham aos interesses americanos no Hemisfério Sul". A correspondência deve ser enviada para: A.P. 4818, Managua, Nicaragua.



Whisper - Women Hurt in Systems of Prostitution Engaged in Revolt, vol. 2, nº 1, Nova York, Estados Unidos. Este número faz um retrato da prostituição na Nigéria, nas Filipinas, Mombasa e destaca a denúncia do tráfico de garotas adolescentes em Taiwan. Whisper: Rockefeller Center Station, PO Box 5514, New York, New York 10185, USA.

Feminist Library Newsletter, nº 2, abril/junho de 1987, Feminist Library and Information Centre, Londres, Inglaterra. Este boletim é editado pelo Centro de Informação e Biblioteca Feminista, que trabalha para fornecer informações em temas de importância para as mulheres e o Movimento de Liberação das Mulheres. Em todos os números, resenhas, índices para pesquisa, notícias de eventos e atividades, listas de livros, poemas e a publicação de um artigo recente de um periódico feminista. Nesta edição, o artigo em questão foi retirado do jornal **Manushi**, que fala sobre as mulheres e a sociedade na Índia. O endereço para correspondência é: Feminist Library and Information Centre, Hungerford House, Victoria Embankment, London WC2N 6PA, England.

Mais uma do governo brasileiro

Cinco meses após ser violentada, espancada e esfaqueada por um marinheiro francês nas proximidades da cidade de Bayonne, a brasileira Sandra Maria Pereira ainda convive com as consequências desse pesadelo. Com a visão e a audição afetadas pelas coronhadas na cabeça, além da perda de parte dos movimentos da mão direita e as fortes dores das facadas no seio, Sandra não pode esquecer que matou o marinheiro Eugène Le Goff, que a manteve em cativeiro, juntamente com uma amiga, Sandra Regina de Oliveira por mais de seis horas.

A tragédia vivida por Sandra começou quando ela e sua amiga resolveram pedir uma carona da França para a Espanha, onde pretendiam renovar seus passaportes. Cursando línguas há alguns meses em Paris, Sandra sonhava em tornar-se uma mulher autoconfiante e independente. No entanto, Eugène abalou este sonho. Alguns quilômetros depois de entrarem no trailer dirigido por Eugène, um marinheiro de 45 anos, ele começou a beber vinho, apontou um revólver calibre 32 para ambas e obrigou-as a se despir. Depois, amarrou-as com uma corda de náilon e violentou-as. Após duas horas de espancamento, Sandra tentou aproveitar um momento em que Eugène saiu do trailer para fugir e pedir

socorro, mas foi recapturada pelo marinheiro que a esfaqueou no peito. No entanto, mesmo ferida, Sandra conseguiu desarmá-lo e matá-lo com três golpes.

O fato é que o pesadelo de Sandra não terminou com o seu retorno ao Brasil. As despesas com a sua hospitalização na França, bem como as passagens de avião que a trouxeram de volta não decorreram a seguir. De volta ao bairro do Jardim Aeroporto, em São Paulo, onde mora com a mãe aposentada e uma irmã, Sandra viu-se diante de uma conta de mais de 5 mil dólares para pagar, além de despesas nas traduções de laudos oficiais e ligações telefônicas internacionais, que chegam na casa dos Cz\$ 35 mil cruzados. Respondendo a um processo de indenização ao governo francês, Sandra ainda corre o risco de ter de pagar os custos jurídicos, caso perca o processo.

Hoje, com a ajuda financeira de amigos, tem feito sessões de psicoterapia, além de um tratamento médico. Já conseguiu um emprego fixo, mas não se conforma com sua experiência vivida e muito menos com a atuação da diplomata brasileira Regina Castelo Branco, consuleta em Marselha, que prometeu lhe dar assistência jurídica e financeira para cobrir os gastos do hospital e nada fez.

Morre Marie Langer

Aos 77 anos, faleceu em dezembro passado, em Buenos Aires, Marie Langer, uma das mais importantes psicanalistas latino-americanas. Na realidade, Marie Langer nasceu em Viena, onde ainda jovem foi uma militante comunista, antes de formar-se em Medicina, em 1935. Como judia, em uma sociedade paulatinamente invadida pelo nazismo, foi impedida de exercer sua profissão em hospitais estatais, o que a levou, ainda sem um projeto definido, a dedicar-se à psicanálise.

Participou da resistência ao nazismo e em 1936 decidiu partir para a Espanha, somar-se às Briga-

das Internacionais dos Republicanos. Vitorioso o franquismo, Marie Langer partiu para a América Latina, residindo na Argentina. Nesse país foi a principal protagonista do movimento psicanalítico e psiquiátrico, cujo papel profissional e político a fez vítima dos regimes ditatoriais, em especial aquele instaurado em 1976. A publicação *Cuestionamos* que ela dirigia, assim como a Associação Psicanalítica e o grupo de Trabalhadores de Saúde Mental foi duramente reprimida e Marie Langer refugiou no México, depois de ter sido ameaçada de morte por grupos de extrema direita e paramilitares.

SÉRIE FEMINISTA DE BARAVELLI

Imagens femininas em formas ovaladas sobre recortes de madeira, onde a figura do homem surge posteriormente para dar vida à mulher. Assim se define a "Série das Ovais" criada pelo artista plástico paulista Luiz Paulo Baravelli, em 1987, ano em que comemorou 20 anos de carreira com duas exposições entre dezembro de 87 e janeiro deste ano. A primeira delas, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), reuniu 58 obras produzidas entre 1983 e 1987. A segunda, na Galeria São Paulo, a produção caracterizada como feminista por Luiz Paulo foi o grande destaque.

Cerca de 46 obras da "Série das Ovais" foram expostas, sendo que dezoito delas apresentavam a figura feminina de forma absoluta e o homem como um desdobramento,

dando outras formas aos recortes de madeira. Tal técnica, segundo Baravelli, destaca o essencial da obra e elimina o tradicional fundo das telas. Há 30 anos, o artista desenha figuras humanas, porém, foi com a "Série das Ovais" que sua criação mostrou-se mais feminista.

Para Baravelli, nesta série, suas obras mostram uma mulher auto-suficiente interessada apenas no lado social do homem, minimizando sua importância. Com imagens quase do tamanho natural, o formato oval dos trabalhos surge como a representação de um espelho feminino que reflete a imagem da mulher como a figura de um ovo que abriga seu corpo sob o olhar curioso do homem, conforme definiu a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha em seu texto que apresenta o catálogo das exposições.



Mulher Ereta de Baravelli



Pílula abortiva chega ao mercado este ano

Pesquisas feitas com 106 grávidas revelaram que a RU 486 provocou imediata expulsão do embrião, com um sangramento mais abundante do que o de uma menstruação normal e as dores duraram até duas horas após a injeção de sulproston. Apesar de o sangramento perdurar por cerca de sete a dezesseis dias, não há risco de infecção posterior característica nos casos de aborto feito por intervenção cirúrgica. Com a ingestão de três pílulas, a expulsão do embrião ocorre entre 48 e 72 horas e a mulher pode realizar o aborto em casa, não necessitando sua internação em hospitais ou clínicas.

Na opinião de estudiosos franceses, o advento da RU 486 implicará em mudanças na legislação que permite o aborto na França, uma vez que esta prevê a hospitalização obrigatória e um período de reflexão da mulher com o acompanhamento de uma conselheira familiar, o que demanda um tempo. A RU 486 também ajudará a diminuir a repressão onde o aborto é proibido, caso do Brasil.

Criada pelo professor francês Etienne-Emile Baulieu, a pílula abortiva RU 486 poderá ser comercializada na França em um prazo máximo de um ano. Testada há mais de cinco anos pelo serviço de ginecologia obstétrica de Ville-Neuve, a RU 486 é considerada pelos especialistas como eficaz quando tomada no máximo até quinze dias após o atraso da menstruação. Para a prática de abortos até a 12ª semana de gravidez, permitida pela lei francesa aprovada em 75, a eficácia da RU 486 é de 85%. No entanto, segundo os pesquisadores da pílula, ela deve ser associada a um outro produto abortivo, a sulproston ou prostaglandina, para obter 100% de eficácia.

Estupros na USP

No último semestre de 87 foram registrados três casos de estupro e sete casos de atentado ao pudor contra mulheres nas dependências da cidade Universitária em São Paulo. Preocupada com essas ocorrências, a socióloga Eva Blay, juntamente com representantes do Núcleo de Estudos da Mulher, das Faculdades e Institutos, das Comissões Internas de Prevenção de Acidentes (CIPA) da Universidade de São Paulo, além da Associação dos Docentes e órgãos de imprensa da Universidade, realizaram duas grandes reuniões entre dezembro de 87 e janeiro deste ano com o objetivo de combater e prevenir os casos de agressão sexual nas proximidades da Universidade.

Segundo Eva Blay, a Prefeitura da cidade Universitária tem se encarregado de selecionar um novo grupo de segurança especializado para atuar na região do campus: "Atualmente a USP conta com cerca de cem seguranças, sendo que 20% são mulheres. No entanto, se contarmos com os vigias internos de cada uma das Faculdades o número chega a quinhentos". O fato é que nem sempre um corpo de segurança presente pode resolver tal problema. Para Eva, o principal objetivo dessa série de encontros foi a elaboração de uma campanha interna de esclarecimento e prevenção da violência sexual.

A publicação e distribuição de folhetos informativos, bem como a implantação imediata de um posto de atendimento na entrada da Universidade sob o comando de uma mulher

já fazem parte das atividades prioritárias da campanha: "Este novo grupo de segurança especializado já se encontra em fase de treinamento na Delegacia de Defesa da Mulher da região. Além disso, há um outro posto de atendimento no Instituto de Psicologia da USP que vai atender as vítimas já existentes", explica.

No dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, será realizado um debate no Anfiteatro de História, às 17 horas, com a participação da psicóloga Martha Suplicy, de Paulo Sérgio Pinheiro, Moyses da Rocha, da delegada Rosmary Correia, da coordenadora do posto de atendimento às vítimas, Maria Amélia Azevedo e Eva Blay, onde estarão em discussão os resultados obtidos pela campanha.

